



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**ADINAEI DE MORAES VICTORIO**

**O DISCURSO RELIGIOSO COMO DISPOSITIVO DE PODER: UMA ANÁLISE  
CRÍTICA DA HOMOFOBIA NEOPENTECOSTAL E DAS RESISTÊNCIAS  
DECOLONIAIS NO BRASIL**

---

Campo Grande/MS  
2025

**ADINAEI DE MORAES VICTORIO**

**O DISCURSO RELIGIOSO COMO DISPOSITIVO DE PODER: UMA ANÁLISE  
CRÍTICA DA HOMOFOBIA NEOPENTECOSTAL E DAS RESISTÊNCIAS  
DECOLONIAIS NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, Discurso e Sociedade

Orientadora: Rita de Cássia A Pacheco  
Limberty

Campo Grande/MS  
2025

---

V688d Victorio, Adinael de Moraes

O discurso religioso como dispositivo de poder: uma análise crítica da homofobia neopentecostal e das resistências decoloniais no Brasil / Adinael de Moraes Victorio. – Campo Grande, MS: UEMS, 2025.

86 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2025.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti

1. Análise do Discurso 2. Discurso neopentecostal 3. Comunidade LGBTQIAPN+ 4. Religião e política – Brasil 5. Homofobia e religião I. Limberti, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. II. Título.

CDD 23 ed. 401.4

**ADINAEI DE MORAES VICTORIO**

**O DISCURSO RELIGIOSO COMO DISPOSITIVO DE PODER: UMA ANÁLISE  
CRÍTICA DA HOMOFOBIA NEOPENTECOSTAL E DAS RESISTÊNCIAS  
DECOLONIAIS NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha: Língua, Discurso e Sociedade

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Profª. Drª. Rita de Cássia A Pacheco Limberti (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (Titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profª. Drª. Silvia Mara de Melo (Titular)  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

---

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior - Suplente  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins (Suplente)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UMS)

Campo Grande/MS, 19 de Agosto de 2025.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, por ser resistência e me conceder a escrita deste trabalho. A minha orientadora, pela compreensão e paciência durante o processo da escrita. Em suma, dedico a minha amiga Renata Corrêa, uma amizade que perdura há 20 anos, dando-me suporte em vários âmbitos, sou imensamente grato.

*What doesn't kill me makes me stronger.*

**Friedrich Nietzsche**

VICTORIO, ADINAEEL. *O Discurso Religioso como Dispositivo de Poder: Uma Análise Crítica da Homofobia Neopentecostal e das Resistências Decoloniais no Brasil*. 2025. 37 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade analisar o impacto do discurso neopentecostal na sociedade contemporânea, e seus efeitos à comunidade LGBTQIAPN+, concentrado na análise do discurso. Atualmente, as questões de gênero que permeiam a sociedade brasileira, marcada por sua grande diversidade, exigem respostas urgentes, especialmente diante das demandas levantadas pelas comunidades LGBTQIAPN+. Dados recentes mostram que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo, revelando uma sociedade profundamente homofóbica e misógina em diversas camadas. Este projeto de pesquisa surge a partir de questionamentos que emergem dos discursos reproduzidos em nossa sociedade, os quais, ao se propagarem, tendem a se multiplicar de forma contínua e crescente. O foco deste trabalho é o discurso religioso, entendido como um discurso de poder, que contribui significativamente para a disseminação de preceitos e dogmas que alimentam a oposição da comunidade evangélica ao movimento LGBTQIAPN+, gerando consequências graves. A partir do século XXI, o movimento tem ganhado força e visibilidade, fortalecendo-se em seus embates, especialmente contra a sociedade ocidental cristã e seus valores tradicionais. Ao ocupar e assumir diferentes espaços, a comunidade LGBTQIAPN+ tem rompido paradigmas e desafiado estruturas ideológicas religiosas e conservadoras que perpetuam o preconceito. Nesse contexto, o pesquisador LGBTQIAPN+ emerge como um ato de resistência e luta por esses corpos, ocupando a academia como um espaço privilegiado de fala, onde seu discurso de resistência é legitimado. O cenário atual evidencia a necessidade de analisar o discurso religioso, que propaga uma verdade absoluta enquanto deslegitima e marginaliza corpos diversos.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Discurso neopentecostal. Comunidade LGBTQIAPN+.

VICTORIO, ADINAEI. *Religious Discourse as a Power Device: A Critical Analysis of Neo-Pentecostal Homophobia and Decolonial Resistances in Brazil*. 2025. 37 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2025.

## ABSTRACT

The purpose of this research is to analyze the impact of the Neo-Pentecostal discourse on contemporary society and its effects on the LGBTQIAPN+ community, focusing on discourse analysis. Currently, the gender issues that permeate Brazilian society, marked by its great diversity, require urgent responses, especially in the face of the demands raised by the LGBTQIAPN+ communities. Recent data shows that Brazil is the country that kills the most LGBTQIAPN+ people in the world, revealing a society that is deeply homophobic and misogynistic in many ways. This research project arises from questions that emerge from the discourses reproduced in our society, which, as they spread, tend to multiply continuously and increasingly. The focus of this work is religious discourse, understood as a discourse of power, which contributes significantly to the dissemination of precepts and dogmas that feed the evangelical community's opposition to the LGBTQIAPN+ movement, generating serious consequences. Since the 21st century, the movement has gained strength and visibility, strengthening itself in its struggles, especially against Western Christian society and its traditional values. By occupying and assuming different spaces, the LGBTQIAPN+ community has broken paradigms and challenged religious and conservative ideological structures that perpetuate prejudice. In this context, the LGBTQIAPN+ researcher emerges as an act of resistance and struggle for these bodies, occupying academia as a privileged space of speech, where their discourse of resistance is legitimized. The current scenario highlights the need to analyse religious discourse, which propagates an absolute truth while delegitimizing and marginalizing diverse bodies.

**Key Words:** Discourse Analysis. Neopentecostal speech. LGBTQIAPN+ community.

## SUMÁRIO

### Sumário

Sumário .....	8
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I .....	15
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	15
1.1 UM APARATO TEÓRICO DISCURSIVO: LÍNGUA, DISCURSO E IDEOLOGIA .	15
1.2 O DISCURSO.....	20
1.3 A IDEOLOGIA.....	24
1.4 A SEMIÓTICA DISCURSIVA: UMA ANÁLISE TEÓRICA DO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO NOS DISCURSO.....	30
CAPÍTULO II.....	33
O CORPUS.....	33
2.1 - A ERUPÇÃO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL/NEOPENTECOSTAL NO BRASIL .....	33
2.1.1 Primeira Onda (Pentecostalismo Clássico).....	36
2.1.2 Segunda Onda do Pentecostalismo no Brasil (meados do século XX):.....	39
2.1.3 Terceira Onda do Pentecostalismo no Brasil (Final do Século 20 até o presente): .....	41
2.1.4 Aparato Histórico do Movimento LGBTQIAPN+: Do Mundo ao Brasil.....	44
2.1.5 Personalidades Políticas LGBTQIA+ Brasileiras na Luta contra o Preconceito e o Discurso de Ódio .....	46
CAPÍTULO III.....	48
3.0 - A ANÁLISE: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO PODER E A EXCLUSÃO DE IDENTIDADES LGBTQIAPN+ EM SERMÕES RELIGIOSOS.....	48
3.1 - Discurso Religioso, Poder e Subjetivação: Uma Análise Crítica do Sermão Evangélico sobre o “Orgulho” .....	50
3.1.2 Discurso e silenciamento: A Estrutura Binária do Sermão.....	51

3.1.3- Biopolítica e a Regulação dos Corpos .....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	67
REFERÊNCIAS .....	70

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da eclosão dos movimentos protestantes no Brasil, que recentemente completaram 100 anos. Os inúmeros questionamentos que permeiam o início do pentecostalismo no Brasil concentram-se em seu âmbito genealógico, ou seja, em seu surgimento e na complexidade de seus conceitos e dogmas. Esse movimento, que se remete ao campo religioso, assume um papel de importância sociocultural na construção da sociedade contemporânea, trazendo grandes transformações de vasta complexidade.

Ao se tratar do movimento Pentecostal no Brasil, não há como desvinculá-lo da caminhada já feita no campo religioso norte-americano, de como conseqüentemente essa onda chegou ao Brasil, estendendo-se até a atualidade. A história das religiões e seus caminhos trilhados até a contemporaneidade evidenciam a sua influência na construção social dos indivíduos ali inseridos, não há como se desvencilhar de toda a estrutura ideológica que remonta séculos, sobretudo ao que concerne à diversidade social e cultural. Em algum momento a religião passa a exacerbar seus principais valores, passando a fundamentar-se por um discurso persuasivo, ideológico e controlador, contando com a afluência de uma atuação do estado, o qual, por meio deste e de seus demais aparelhos ideológicos, corrobora a dominação dos indivíduos, como pondera Althusser:

Ao falarmos dos aparelhos ideológicos do Estado e de suas práticas, dissemos que cada um deles era a realização de uma ideologia (a unidade destas diferentes ideologias regionais – religiosa, moral, jurídica, política, estética, etc, sendo assegurada por sua subordinação à ideologia dominante). (Althusser, 1998, P. 89)

Todos esses fatores suscitam grandes inquietações que justificam a pesquisa a ser desenvolvida, motivada pela vasta onda do discurso de ódio proferido pelas igrejas evangélicas diretamente à comunidade LGBTQIAPN+, e os meios midiáticos têm alavancado o polêmico assunto, evidenciando-se a necessidade de um olhar mais aguçado para este grande problema que permeia a sociedade.

De acordo com a pesquisa divulgada pela Deep Digital LLYC, no ano de 2022, em nosso país, os ataques à comunidade LGBTQIAPN+ cresceram 40%, segundo o monitoramento realizado em um período de 4 anos, índice que transparece como o Brasil se encontra no topo dos países que mais reverbera o discurso de ódio. Com a finalidade da estatística de escancarar aos olhos a necessidade da pesquisa, conforme o observatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), o Brasil chegou em 2024 à marca de 291 mortes de LGBTQIAPN+ em uma escala de

homicídios e suicídios, com um aumento de 13,2% referente ao ano anterior no qual houve 257 registros.

Diante desses dados não há como vedar os olhos para os reais problemas que cercam a sociedade. O cerne da discussão, a raiz do problema, atualmente são os discursos neopentecostais, os quais, fundamentados pelos seus próprios estudos, e análises bíblicas, valem-se do seu lugar de fala como forma de propagação do ódio. Através de passagens bíblicas, com o olhar conservador dos evangélicos em relação aos LGBTQIAPN+, pregam uma interpretação literal e tradicional da Bíblia, que traz a homossexualidade como uma forma de pecado e promiscuidade. Em suas pregações defendem a ideia de que a prática homossexual está ligada ao “comportamento de imoralidade”; por meio das práticas de oração, e outras formas de abordagens, como terapias de orientação e a famosa “cura gay”, procuram levar os fiéis a arrepender-se do pecado por meio da fé e negar os próprios desejos, exortando-os a deixar as práticas sexuais e viver conforme as escrituras e os padrões de moralidade cristãos. Como Costas destaca,

Pela graça salvadora de Jesus Cristo, adquirimos o dom da obediência ao senhor da História; somos capacitados a submeter-nos à palavra de Deus e ser dirigidos por seu Espírito (Rm 8.1ss; 15.18-19; 16.25-26). A obediência ao reino de Deus é, portanto, fruto da graça revelada em Jesus Cristo. Não é uma pré-condição para a experiência da salvação, mas uma parte e parcela dela; não só um de seus frutos visíveis, mas sua verificação histórica. (COSTAS, 1997 P. 113)

Ao relacionar-se com uma pessoa do mesmo sexo, o indivíduo sofre uma condenação perante a igreja; tudo o que difere dos preceitos da comunidade cristã e as regras vigentes nas igrejas, desperta uma aversão, provoca uma segregação desses indivíduos e posteriormente uma condenação sumária. Assim, a relação matrimonial heterossexual é dita como a “certa”, deixada por Deus. Como Souza diz:

A sexualidade, origem da queda do homem, é, para o cristianismo, o pecado por excelência, e, para a mentalidade eclesiástica, a luxúria compunha o cenário privilegiado onde se desenvolvia o drama demoníaco; essa mulher era vista pela igreja sempre como objeto de pecado e do erro (SOUZA, 2015 P. 2)

Para o grupo pentecostal a visão referente à comunidade LGBTQIAP+ está atrelada à moralidade, e aos valores que são considerados fundamentais para uma vida cristã, uma vida sem “erros, pecados”. Tais preceitos são usados para justificar e incitar o extermínio e o enclausuramento daquelas pessoas. Ao narrar passagens bíblicas em seus discursos, seus excertos ratificam tais dogmas: "Não te deitarás com homem, como se fosse mulher; é abominação." (BÍBLIA SAGRADA, Levítico 18:22) e

Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas. As mulheres, igualmente, trocaram o uso natural, pelo que é contra a natureza. E semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a devida recompensa do seu erro." (BÍBLIA SAGRADA, Romanos 1:26-27)

Por meio desses e de outros versículos bíblicos, muitos líderes e pastores evangélicos conservadores justificam que a prática da homossexualidade é um pecado grave e incompatível com os ensinamentos cristãos, com a finalidade de persuasão, usam das passagens bíblicas para controlar a comunidade, como tal “pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso senhor” (BÍBLIA SAGRADA, Romanos 6:23). Ao ouvir o discurso sentencioso, a maioria teme pela sua vida, aceitando uma única interpretação: aquela que está sendo posta pelo líder.

Grande parte da comunidade evangélica conservadora acredita veementemente que os textos bíblicos são a voz de Deus, e, conseqüentemente, devem seguir estritamente o que está posto. Ao justificar a condenação das relações homoafetivas, trechos como estes exemplificados do Antigo e Novo Testamento, são propagados dentro dos templos religiosos, aos indivíduos que não analisam essas passagens, até o ponto de o discurso de ódio instalar-se definitivamente entre os fiéis. Tal inculcação de ideias e de sentidos ilustra perfeitamente o que Orlandi diz:

A Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (Orlandi, 2020, p. 14 e 15)

O matrimônio perante aos evangélicos conservadores é visto como uma instituição divina estabelecida por Deus, sendo a união entre um homem e uma mulher o único modelo legítimo de casamento, pois através do matrimônio natural, haverá povoamento. Isso se baseia em passagens bíblicas como Gênesis 2:24 ("Portanto, deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão uma só carne."). Dessa forma, a união entre pessoas do mesmo sexo é taxada e vista como uma deturpação, dos dogmas divino e, conseqüentemente, inaceitável aos olhos de Deus.

Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra." Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que sobre a terra. (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis 1:26-28)

Mediante aos pressupostos do fundamentalismo da parte dos evangélicos, há grandes embates em relação aos direitos dos LGBTQIAPN+ em união com seus parceiros, o casamento torna-se inenarrável aos olhos da grande maioria social, pois o discurso ultrapassa a bolha que é a igreja. O ativismo e a resistência dos corpos LGBTQs vão à luta para que os direitos sejam assegurados a todos. No Brasil sendo um país constitucionalmente laico, não há como eleger uma única fé para definir quais valores devem ser seguidos, como tais valores que excluem o próximo, Pereira cita:

Deve ser assegurado o exercício dos direitos sociais e individuais, bem como a liberdade, o bem-estar, a igualdade e a justiça como valores supremos da sociedade. Sobretudo da garantia da liberdade e da igualdade, sustentadas pelo macro princípio da dignidade, que é que se extrai a aceitação da família plural, que vai além daquelas previstas constitucionalmente e, principalmente, diante da falta de previsão legal. (PEREIRA, 2006, p.167)

O conservadorismo por parte dos evangélicos em relação à comunidade se estende e se reflete em posições políticas e partidárias. Atualmente apresentam-se grupos evangélicos que influenciam fortemente a política em diversos países, especialmente em questões relacionadas aos direitos civis. No Brasil temos a bancada evangélica que trabalha fortemente contra os direitos da comunidade LGBTQIAPN+. Os parlamentares, frequentemente se opõem a legislações que garantem direitos a casais do mesmo sexo, como o casamento civil, a adoção por casais LGBTQs e defendem a criminalização da homofobia. Santana, aborda a questão dizendo:

Um conjunto de iniciativas por parte de diferentes grupos conservadores (grupos conservadores católicos; grupos conservadores evangélicos, em especial, neopentecostais; e grupos conservadores burgueses) que visam eliminar lutas seculares de homens e mulheres (dos mais diferentes movimentos sociais, em especial, os de esquerda) utilizando os antigos discursos anticomunistas – com novas roupagens proporcionadas pela atual conjuntura do país – que atribuem aos movimentos sociais o papel de destruição da família e de uma suposta moral (judaico-cristã). (SANTANA, 2016, p. 32)

Tais pensamentos não se tornam restritos ao Brasil, em vários países os evangélicos conservadores têm sido uma força importante na oposição à legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, argumentando que isso violaria os princípios religiosos e tradicionais da sociedade. O ativismo LGBT também é frequentemente alvo de críticas dentro dos círculos evangélicos conservadores. Esses grupos veem o movimento LGBT como uma tentativa de promover valores contrários, como a disseminação do pecado. Muitas vezes, o ativismo é associado a uma agenda de “redefinir” os conceitos de família e sexualidade, algo que esses

grupos consideram ser um risco para a estrutura social e religiosa, como propagação de teorias inventadas como a ideologia de gênero.

Quase intuitivamente se reconhece como família exclusivamente a relação interpessoal entre um homem e uma mulher constituída pelos sagrados laços do matrimônio. É tão arraigada essa ideia que o legislador, quando trata do casamento não se refere se seguem a diversidade de sexo do par. Assim, na ausência de vedação constitucional ou legal, não há impedimento ao casamento homossexual. (DIAS, 2015, p.271)

Esta pesquisa propõe-se a estudar a historicidade da formação cristã no Brasil, como deu-se sua formação até a contemporaneidade, partindo para uma análise discursiva amparada nas teorias de Michel Pêcheux, Michel Foucault e Eni Orlandi, e teóricos da Teologia como Israel de Araújo, que elenca o papel do emissor discursivo na sociedade e nas classes nas quais está inserido. A pesquisa tem como finalidade analisar os discursos de um Pastor da cidade de São Paulo, que, em 2023, usa seus privilégios enquanto pastor para proferir falas homofóbicas em suas pregações, através de cultos realizados para milhares de fiéis que o acompanhavam pelas redes sociais e presencialmente. O uso indevido das falas trouxe reações sociais, causando deliberadamente um grande conflito entre a comunidade e sua igreja, assim sendo, ao evidenciar as falas destaca-se tudo que o estudo pretende: externalizar o papel da comunidade cristã em relação aos LGBTQIAPN+.

## CAPÍTULO I

### CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

#### 1.1 UM APARATO TEÓRICO DISCURSIVO: LÍNGUA, DISCURSO E IDEOLOGIA

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata; nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível. (PÊCHEUX, 1990, p. 8)

A linguagem tem um privilégio e uma propriedade única: ela pode transmitir não apenas o que é, mas também o que não é, o que já passou, o que ainda não está presente e o que nunca será. É essa propriedade da linguagem humana que torna possível construir significados além dos contornos de uma experiência tangível, oferecendo espaço para expressar realidades invisíveis, transcendentais ou utópicas. Esse poder de ir além do aqui e agora é uma das propriedades definidoras da linguagem humana e uma que permite mais do que a comunicação de pensamentos e percepções, mas até mesmo a criação de significados que não podem ser diretamente observados e experimentados. Segundo Pêcheux, “toda linguagem é necessariamente relativa ao ‘não é’, ‘não é mais’, ‘não é ainda’, ‘nunca será’ da percepção imediata” (PÊCHEUX, 1990, p. 8).

A língua, enquanto sistema simbólico, não se limita a descrever o que é imediatamente perceptível; ela também é capaz de representar o que está ausente, o que já não está, o que ainda não é e o que nunca será. Essa capacidade de transcender o presente e o visível é uma das características fundamentais da linguagem humana, que permite não apenas a comunicação, mas também a construção de sentidos que vão além da experiência concreta. Essa capacidade de representação do ausente é particularmente evidente nos discursos religiosos, políticos e filosóficos, que frequentemente se referem a realidades transcendentais ou utópicas. Por exemplo, os discursos religiosos falam de um “além” que não pode ser experimentado diretamente, mas que é representado através de símbolos e narrativas. Da mesma forma, os discursos políticos frequentemente evocam um futuro idealizado, um “ainda não está” que serve como motivação para a ação no presente. Esses discursos não representam simplesmente a realidade como ausente em outro lugar, mas produzem essa realidade, dotando-a de significado que é moldado pelos interesses e valores de seus produtores. Aqui, então, a ideologia está em

jogo não apenas como um corpo de ideias ou valores, mas também como um impulso inevitável de representar o que está fora de sua experiência imediata. Ela opera na linguagem, tecendo histórias sobre começos, finais, pós-vidas e o invisível. Essas narrativas não são neutras, são locais de reflexão e reprodução das relações de poder e estruturas sociais que as produzem. De fato, como explica Orlandi, “a linguagem não é transparente, é atravessada por significados produzidos em relações sociais e históricas. Assim, o discurso é o espaço em que a linguagem adquire significado, é produzida e disputada” (ORLANDI, 2013, p. 23).

A representação do ausente e do invisível não é um processo neutro ou objetivo. Como destaca Pêcheux (1990), ela está sempre implicada na eficácia omni-histórica da ideologia, ou seja, na tendência de representar as origens e os fins últimos de forma a justificar e legitimar as estruturas de poder existentes. Por exemplo, as narrativas sobre as origens de uma nação frequentemente servem para reforçar a identidade nacional e justificar a ordem social vigente. Da mesma forma, as representações do futuro podem ser usadas para mobilizar as pessoas em torno de projetos políticos específicos, seja para manter o status quo, seja para promover mudanças.

Essa relação entre linguagem, ideologia e a representação da invisibilidade é especialmente pertinente para a análise do discurso, que visa revelar o trabalho ideológico processado na produção de significados. Como diz Orlandi, a análise do discurso “não se limita ao estudo da linguagem como um sistema [mas]... busca entender como os significados são produzidos e disputados nas práticas sociais.” (2013, p. 27) Assim, a análise do discurso, nessa perspectiva, não apenas explica os processos linguísticos, mas também mostra a dimensão do poder na geração de significados. Por esse motivo, a análise do discurso não é apenas uma ferramenta teórica, mas uma atividade política de desnaturalizar os significados dominantes e expor a dimensão do poder na produção do discurso. Como esclarece Orlandi, “a análise do discurso é uma intervenção na realidade que visa expor o trabalho ideológico que projeta e reproduz contradições sociais”. (2013, p. 65)

A análise do discurso, portanto, não é apenas uma ferramenta teórica, mas também uma prática política, que busca desnaturalizar os sentidos dominantes e revelar as relações de poder que estão em jogo na produção do discurso. Como afirma Orlandi (2013), “a análise do discurso é uma forma de intervenção na realidade, que busca desvendar os mecanismos ideológicos que produzem e reproduzem as desigualdades sociais” (ORLANDI, 2013, p. 45).

A língua, enquanto sistema simbólico, está sempre implicada na representação do ausente e do invisível, refletindo e reproduzindo as estruturas ideológicas que a permeiam. Como afirma Pêcheux (1990), essa capacidade de transcender o imediato é o que torna a língua um espaço privilegiado para a manifestação da ideologia, que opera através de narrativas sobre as origens, os fins últimos, o além e o invisível. A análise do discurso, portanto, não apenas descreve esses processos, mas também revela as relações de poder e as estruturas ideológicas que estão em jogo na produção dos sentidos.

A Análise do Discurso tem como maior precursora, no Brasil, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. A autora apresenta a fundamentação teórica deste estudo a partir da corrente francesa iniciada pelo pesquisador Michel Pêcheux. Os estudos do autor tiveram relevância por elaborar a teoria da análise de discurso, por meio da obra *Semântica e discurso uma crítica à afirmação do óbvio* (1995). A obra apresenta os estudos discursivos que serão os desdobramentos para futuras pesquisas relacionadas à construção ideológica através da linguagem.

Pêcheux, em sua obra, conceitua que a Linguística tem seus limites e que não explicaria o funcionamento do discurso, como abordado por Orlandi:

O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (ORLANDI, 2013, p.15)

Através do fundamento teórico, a pesquisa de Pêcheux se consolida por meio de três conceitos: a linguística, o materialismo histórico e a teoria do discurso, campos nos quais a análise do discurso se sustenta. As observações de Pêcheux em relações aos linguistas trouxeram indagações das regras formais que ocorrem na sintaxe; assim sendo, não seria o suficiente para explicar o discurso, ressaltando que, por meio da língua, a importância se concebe por meio da prática que produz o discurso. A língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que os processos ideológicos simulam os processos científicos. (PÊCHEUX, 1995, p. 91)

A criticidade evidenciada nos estudos de Pêcheux mostra que a crítica parte de uma abordagem conceitual dos linguistas que defendem o sujeito como ser autônomo de seu discurso, como demonstrado por Pêcheux e posteriormente exemplificado por Orlandi:

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua, discurso e ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 1999, p. 17)

Por meio da ideologia, o discurso se constrói; portanto, por meio das condições históricas, sociais e políticas é que se produz no sujeito seu discurso, como afirma Althusser: “os linguistas e todos aqueles que recorrem à linguística com diferentes fins tropeçam frequentemente em dificuldades que decorrem do desconhecimento do jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos – inclusive o científico” (ALTHUSSER, 1985, p.94 apud PÊCHEUX, 2009, p.139).

A lógica de Pêcheux tem como finalidade sustentar a teoria do discurso, e parte da ideia do sujeito ao estar inserido em uma conjuntura social. O mesmo se sujeita às condições sociais e históricas da sociedade, sendo que, por meio da sintaxe e semântica, há um desconhecimento da ideologia discursiva de um sujeito.

A análise do discurso, tal como proposta por Michel Pêcheux e desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil, busca compreender como a linguagem não apenas reflete, mas também constitui as relações sociais, históricas e ideológicas. A partir dos fundamentos teóricos de Pêcheux, é possível afirmar que o discurso não é um mero instrumento de comunicação, mas uma prática social que produz sentidos e, ao mesmo tempo, é produzida por condições históricas e ideológicas específicas. Nesse sentido, a análise do discurso não se limita ao estudo da língua em sua forma estrutural, mas avança para a compreensão de como os processos discursivos estão intrinsecamente ligados à ideologia e ao poder.

Em última análise, como discutido acima, a linguagem é um sistema simbólico que sempre envolve a produção de visibilidade e invisibilidade e, como tal, inevitavelmente reproduz a ideologia de forma intrincada. Pêcheux (1995) implica que é porque a linguagem é a matéria-prima do discurso, mas não pode ser considerada sem o quadro ideológico que a estrutura. Para ele, a linguagem é um campo de batalha onde o trabalho ideológico será realizado como uma simulação de formas científicas e naturais. Este argumento está com Orlandi, que confirma que "a linguagem não é transparente; ao mesmo tempo, atravessa poderes produzidos em relações sociais e históricas. Portanto, o discurso é o papel em que a linguagem é significad<sup>a</sup> produzido e disputado" (ORLANDI, 2013, p. 23).

Um dos pilares da teoria de Pêcheux é a noção de que o sujeito não é autônomo em relação ao seu discurso. Pelo contrário, o sujeito é interpelado pela ideologia, ou seja, é

constituído como sujeito a partir das condições históricas e sociais em que está inserido. Como afirma Orlandi (1999): Não há discurso sem sujeito, e não há sujeito sem ideologia. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 1999, p. 17).

Isso é para enfatizar que o discurso neutro, embora convenientemente mantido, está sempre entrelaçado com poder e ideologias. O sujeito é chamado pela ideologia e é por isso que a linguagem faz sentido (ORLANDI, 1999, p. 17). Essa noção remete à concepção de Louis Althusser (1985, apud PÊCHEUX, 2009), segundo a qual a ideologia interpela ou chama os sujeitos, colocando-os assim dentro de um sistema de relações sociais e simbólicas que determinam sua posição no mundo e quem eles são. Nesse sentido, o sujeito não é o autor de seu discurso, mas um efeito das condições ideológicas e históricas que os constroem.

Segundo Pêcheux (1995), a linguística tradicional considera as leis formais da linguagem, sintaxe e semântica, independentemente da ideologia que atravessa o discurso. Ele afirma que a linguística, tratando “a linguagem como uma entidade autônoma que forma um sistema autodelimitado, desconhece que o significado produzido no discurso é sempre ideológico e histórico”. Como diz Orlandi (2013, p. 29-30): A linguística tradicional não dá conta de explicar o funcionamento do discurso, pois ela se limita ao estudo da língua como sistema, sem considerar as condições de produção dos sentidos (ORLANDI, 2013, p. 30).

Essa crítica é fundamental para a análise do discurso, que busca ir além das estruturas formais da língua para compreender como os sentidos são produzidos e disputados nas práticas sociais. A análise do discurso, portanto, não se contenta com a descrição dos mecanismos linguísticos; ela busca desvendar os processos ideológicos que estão em jogo na produção dos sentidos. Outro aspecto central da teoria de Pêcheux é a noção de materialidade do discurso. Para ele, o discurso não é uma abstração, mas uma prática material que se inscreve na língua e nas relações sociais. Como afirma Orlandi (1999): O discurso é uma prática social que se materializa na língua. Ele não é apenas um reflexo da realidade, mas uma forma de intervenção na realidade, produzindo sentidos que podem transformar ou conservar as relações sociais (ORLANDI, 1999, p. 25).

Essa perspectiva ressalta o caráter ativo do discurso, que não apenas reflete as condições sociais, mas também as transforma. O discurso, portanto, é um campo de luta onde os sentidos são disputados e negociados, refletindo as tensões e contradições da sociedade.

A análise do discurso, tal como proposta por Pêcheux e desenvolvida por Orlandi, oferece um quadro teórico robusto para a compreensão das relações entre língua, discurso e ideologia. Ao destacar o caráter material e histórico do discurso, essa abordagem permite desvendar os processos ideológicos que estão em jogo na produção dos sentidos. Além disso, ao criticar a linguística tradicional por seu foco excessivo nas estruturas formais da língua, a análise do discurso abre caminho para uma compreensão mais ampla e crítica dos processos de significação.

Dessa perspectiva, a crítica é central para a análise do discurso. Se o objetivo aqui é entender como os significados são produzidos e contestados dentro das práticas sociais, a mera descrição dos mecanismos linguísticos não é suficiente. O que era necessário era desvendar os processos ideológicos na produção de significados. Outro aspecto bastante central da teoria da análise do discurso de Pêcheux é a noção da materialidade do discurso. Ou seja, ele argumenta que o discurso não é nem abstrato nem natural: é uma prática material que está inscrita na linguagem e nas relações sociais. Como explica Orlandi, "Discurso é uma prática social; tem materialidade na linguagem. Ou seja, o discurso é a materialização da linguagem. E não é apenas refrativo porque está intervindo, está transformando significado, modificando significado. Nesse sentido, produz evidências; nesse sentido, o discurso pode conservar ou transformar o vínculo social. Portanto, o discurso é um campo de lutas. O discurso é produtivo de conflitos. Portanto, o que é criado no discurso é evidência".

Nesse sentido, a análise do discurso não é apenas uma ferramenta teórica, mas também uma prática política, que busca desnaturalizar os sentidos dominantes e revelar as relações de poder que estão em jogo na produção do discurso. Como afirma Orlandi: A análise do discurso é uma forma de intervenção na realidade, que busca desvendar os mecanismos ideológicos que produzem e reproduzem as desigualdades sociais (ORLANDI, 2013, p. 45). Essa concepção destaca a natureza ativa do discurso, que além de reproduzir fatos sociais, pode ajudá-los a se mover, modificando as relações entre o falante, o destinatário e o objeto. Assim, o discurso torna-se um campo de luta e discussão, onde os significados são negociados, refletindo as tensões da sociedade.

## **1.2 O DISCURSO**

A perspectiva foucaultiana tem implicações profundas para a análise do discurso, que passa a ser entendida não como a busca pela intenção do autor, mas como a investigação das

condições de produção dos sentidos. Como afirma Foucault (1999), o discurso não é um veículo transparente de comunicação, mas um campo de forças no qual os sentidos são produzidos e disputados. A análise do discurso, portanto, deve focar nas estruturas e condições que possibilitam a emergência de determinados sentidos, e não no sujeito como origem do discurso. Ponderado por Foucault:

Ao invés de tomara palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível. Gostaria de perceber que, momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse a frase, me alojasse sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, um começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 1999, p. 5-6).

O discurso para Michel Foucault não pode ser entendido como um conjunto de palavras, não deve ser confundido como a fala que sai de um indivíduo, não se restringindo a um conjunto de palavras. Foucault questiona a ideia do tradicionalismo na segundo o qual o discurso se inicia pelo indivíduo, como se o sujeito fosse senhor absoluto de suas palavras; em contrapartida, Foucault sugere que a existência discursiva já existe antes do indivíduo, Mittman complementa:

O sentido não nasce da vontade repentina de um sujeito enunciador. O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. Essa repetição ou modificação não é necessariamente intencional, consciente, nem imediata [...] Ao contrário, pode ser oculta ao sujeito enunciador. (MITTMANN, 1999, p. 272)

O ponto do discurso se apresenta no interstício através da organização do que pode ser dito e não-dito, abordado nos estudos de Orlandi (2005) que remontam à prática da leitura na análise do discurso, que

[...] consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro modo, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária [...] porque [...] só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras. (p.34)

Entende-se o discurso como uma estrutura organizacional em que há uma dispersão de enunciados regidos por regras que fornecem aparecimentos e desaparecimentos de enunciados, que definem as ausências e as presenças. Foucault (1996) diz que “a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua

pesada e temível materialidade”. Elencados por Foucault há três sistemas de exclusão que remontam produção discursiva:

A palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade. Dos três o que se sobrepõe sobre o outro é a vontade de verdade: “a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e realocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura “(FOUCAULT, 1966, p. 20)

Os sistemas apresentados até agora tratam-se de um modo exterior. Há uma dimensão interna, pois o próprio discurso exerce controle sobre si a partir de classificação, ordenação e distribuição, submetidas à outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.

Tudo isso vai contribuir para a constituição das condições em que o discurso se produz e, portanto, para seu processo de significação. É bom lembrar: na análise do discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo com as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. [...] Por isso a análise é importante. Com ela podemos atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e explicando o modo com os sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito. (ORLANDI, 1999, p. 42)

O discurso funciona como uma maneira de construir a realidade, para além do discurso, com a necessidade do simbolismo para a composição do conjunto de signos que definem o material. Formado historicamente, o discurso compõe-se dos enunciados que evidenciarão as vontades e desejos, fornecendo as possibilidades de um objetivo dentro da posição de cada indivíduo dentro do discurso, delimitando o que pode ser dito ou não (não dito).

O discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação. Para isso, diríamos, há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias. (Vignaux 1979, p. 73)

Foucault (1999) afirma que, por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que atinge revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.

O discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino. Ora, eis que um século mais tarde, a verdade a mais elevada já não residia mais no que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência. Entre Hesíodo e Platão uma certa divisão se estabeleceu, separando o discurso verdadeiro e o discurso falso; separação nova visto que, doravante, o discurso verdadeiro não é mais o discurso precioso e desejável, visto que não é mais o discurso ligado ao exercício do poder. (FOUCAULT, 1999, p. 15).

Foucault faz um aparato da transformação histórica do conceito de “discurso verdadeiro” que engloba as relações de justiça, poder e a verdade. O "discurso verdadeiro" era aquele pronunciado por alguém com autoridade (quem "de direito") e seguindo um ritual específico. Esse discurso não apenas anunciava a verdade, mas também a realizava, pois estava intrinsecamente ligado ao poder e à justiça. Ele era temido e respeitado porque tinha a capacidade de definir a realidade, atribuir direitos e deveres,—e até mesmo prever e moldar o futuro. O discurso era, portanto, um ato performativo, eficaz e ritualizado, que exercia poder sobre as pessoas e os eventos. Como diz Vignaux:

O discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação. Para isso, diríamos, há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor. O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias. (VIGNAUX, 1979, p. 73)

A verdade deixou de residir no ato de enunciação (quem fala, como fala e em que contexto ritual) e passou a residir no próprio conteúdo do discurso (o que é dito, seu significado, sua forma e sua relação com a realidade). Surge uma nova divisão entre o discurso verdadeiro e o falso, mas o discurso verdadeiro já não é mais associado diretamente ao exercício do poder. Ele se torna algo mais abstrato, relacionado à lógica, à razão e à correspondência com a realidade, em vez de ser um ato de poder ritualizado. Foucault destaca, portanto, uma mudança fundamental na maneira como a verdade é concebida e exercida nas sociedades: de um discurso performativo e ritualizado, ligado ao poder e à justiça, para um discurso que busca a verdade em si mesma, independentemente de quem o pronuncia ou do contexto de sua enunciação. Essa

transição reflete uma transformação nas estruturas de poder e na epistemologia das sociedades ocidentais.

### 1.3 A IDEOLOGIA

De acordo com Foucault (2003), “A noção de ideologia (me) parece dificilmente utilizável por três razões. A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade”. Diferentemente de outros pensadores, Foucault traz a abordagem de ideologia desligada da noção tradicionalista de ideologia já postulada. Ele critica a noção tradicional de ideologia e propõe uma abordagem alternativa, focada nas relações entre poder, saber e subjetividade. Ideologia, num certo discurso dominante nos dias de hoje, remete a ideias que estão descoladas da realidade, que são consideradas a verdade, compreendendo-se como unívoca e científica. Há muitos discursos que se postulam como não ideológicos, mas que se baseiam em uma verdade universal alcançável. Como abordado por Foucault:

Ora, creio que o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso cai sob a categoria de cientificidade e da verdade e o que cai sob outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos. Segundo inconveniente: refere-se necessariamente a alguma coisa como o sujeito. Enfim, a ideologia está em posição secundária a alguma coisa que deve funcionar para ele como infraestrutura ou determinação econômica, material, etc. Por estas três razões creio que é uma noção que não deve ser utilizada sem precauções. (FOUCAULT, 1982, p.7)

A ideologia para Foucault já se apresenta como uma prática discursiva em relação a outras; a ideologia passa a deixar de ser um resultado materialista e se concebe parte das práticas. As ideias dominantes de uma sociedade não apenas se legitimam posteriormente, mas já se concebem como materiais no sentido de produtoras e reprodutoras de realidades.

A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. Todo enunciado [...] é linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possível oferecendo lugar à interpretação. Ele é sempre suscetível de ser/tomar-se outro. Esse lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. (ORLANDI, 1999, p. 59)

Foucault questiona a noção clássica de ideologia, que a entende como um conjunto de ideias falsas ou distorcidas que mascaram a realidade. Para ele, essa visão pressupõe uma separação entre "verdade" e "falsidade" que é problemática, pois o próprio conhecimento está

sempre ligado a relações de poder. Ele argumenta que a ideologia é um conceito insuficiente para explicar como o poder opera nas sociedades modernas.

O que me incomoda nessas análises que privilegiam a ideologia é que elas sempre pressupõem um sujeito humano cuja forma foi definida desde o início e que se supõe dotadas de uma consciência que o poder viria então a distorcer ou enganar. Ora, creio que o que acontece é muito mais complexo: o poder produz saber, produz discursos, produz práticas que constituem os próprios indivíduos. (FOUCAULT, 1979, p. 70)

Foucault (1979) propõe que o poder e o saber estão intrinsecamente ligados. Há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação (p. 32). Em vez de focar na ideologia como um sistema de ideias, ele analisa como os discursos (conjuntos de enunciados que produzem conhecimento) são formados e como eles sustentam relações de poder. Para Foucault, o saber não é neutro; ele é produzido dentro de contextos específicos de poder e, por sua vez, reforça esses contextos.

O discurso médico no século XIX não apenas descrevia a homossexualidade, mas a produzia como uma categoria patológica, reforçando normas sociais e exercendo controle sobre os corpos.

Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder, desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. Daí essa solenidade com que se fala, hoje em dia, do sexo. Os primeiros demógrafos e os psiquiatras do século XIX, quando tinham que evocá-lo, acreditavam que deviam pedir desculpas por reter a atenção de seus leitores em assuntos tão baixos e tão fúteis. Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir. Alguma coisa da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei, passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo. Certas velhas funções tradicionais da profecia nele se encontram reativas. Para amanhã o bom sexo. (FOUCAULT, 1988, p.11).

Foucault argumenta que o poder não apenas reprime, mas também produz subjetividades. Ou seja, ele cria formas de ser, pensar e agir que são internalizadas pelos indivíduos. Isso vai além da ideologia, pois não se trata apenas de ideias, mas de práticas e normas que moldam a identidade das pessoas. A produção de subjetividade é um conceito central no pensamento de Michel Foucault, especialmente em suas análises sobre poder, saber e as formas como os indivíduos são moldados pelas relações sociais e institucionais. Para

Foucault, a subjetividade não é algo natural ou pré-existente, mas é produzida através de práticas, discursos e mecanismos de poder.

A subjetividade refere-se à maneira como os indivíduos se entendem a si mesmos, suas identidades, desejos e modos de ser. Foucault argumenta que a subjetividade não é algo fixo ou universal, mas é construída historicamente e socialmente. Em outras palavras, quem somos e como nos vemos é resultado de processos que envolvem poder, saber e práticas sociais. Foucault identifica vários mecanismos e processos que contribuem para a produção de subjetividade. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, 1999, p. 10).

O poder não é apenas repressivo, mas também produtivo: ele cria formas de conhecimento e discursos que definem o que é "normal" ou "anormal", "saudável" ou "doente", "bom" ou "mau". Esses discursos moldam a maneira como os indivíduos se entendem e se comportam. Por exemplo, o discurso médico no século XIX produziu a noção de "homossexualidade" como uma identidade patológica, afetando como as pessoas se viam e eram vistas pela sociedade.

(...) a sexualidade se constituiu como domínio a conhecer, foi a partir de relações de poder que a instituíram como objeto possível; e em troca, se o poder pôde tomá-la como alvo, foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos. Entre técnicas de saber e estratégias de poder, nenhuma exterioridade; mesmo que cada uma tenha seu papel específico e que se articulem entre si a partir de suas diferenças (FOUCAULT, 1996, p.107).

Nas sociedades modernas, as instituições disciplinares (escolas, prisões, hospitais, fábricas) usam técnicas de vigilância, controle e normalização para moldar os corpos e as mentes dos indivíduos. Essas técnicas não apenas reprimem, mas também produzem sujeitos dóceis e úteis, que internalizam as normas sociais e se autodisciplinam. Por exemplo, a escola não apenas ensina conhecimentos, mas também ensina os alunos a se comportarem de acordo com as expectativas da sociedade.

A organização das disciplinas se opõe tanto ao princípio do comentário como ao do autor. [...] uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor. [...] o comentário numa disciplina “é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados”. [...] uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade. No interior de seus limites, cada disciplina reconhece

proposições verdadeiras e falsas; mas ela repele, para fora de suas margens, toda uma teratologia do saber (FOUCAULT, 1970, p. 30-33)

O biopoder é uma forma de poder que gerencia a vida das populações, regulando aspectos como saúde, sexualidade, reprodução e mortalidade. Através do biopoder, os indivíduos são incentivados a adotar comportamentos que maximizem sua produtividade e minimizem riscos, como seguir dietas saudáveis, praticar exercícios ou adotar métodos contraceptivos. Essas práticas contribuem para a produção de subjetividades alinhadas com os interesses do sistema. Foucault argumenta que os discursos (conjuntos de enunciados que produzem conhecimento) definem o que é considerado "verdade" em uma determinada época. Essas "verdades" moldam a subjetividade, pois os indivíduos internalizam os valores e normas que são considerados legítimos. Por exemplo, o discurso científico sobre a sexualidade no século XIX produziu novas categorias de identidade (como o "homossexual" ou o "pervertido"), que afetaram como as pessoas se viam e eram vistas.

Foucault argumenta, em *A História da Sexualidade* (1988), que a sexualidade não é uma essência natural, mas uma construção histórica. A ideia de que temos uma "identidade sexual" é resultado de discursos médicos, psicológicos e sociais que produziram categorias como "heterossexual" e "homossexual". Nas instituições disciplinares, como escolas e prisões, os indivíduos são moldados para se tornarem sujeitos obedientes e produtivos. A subjetividade é produzida através de horários rígidos, avaliações constantes e vigilância. Para Foucault, a subjetividade não é algo fixo ou imutável. Ela é constantemente produzida e reproduzida através de práticas, discursos e relações de poder. No entanto, onde há poder, há também resistência.

Foucault enfatiza que os indivíduos não são passivos; eles podem contestar e transformar as normas e discursos que os moldam. A produção de subjetividade, portanto, é um campo de luta e possibilidade.

O termo "ideologia" foi cunhado no final do século XVIII por Destutt de Tracy, que a entendia como a "ciência das ideias". No entanto, foi com Karl Marx e Friedrich Engels que o conceito ganhou contornos críticos. Em *A Ideologia Alemã* (1846), Marx e Engels argumentam que a ideologia não é um conjunto neutro de ideias, mas uma construção que reflete e justifica as relações materiais de produção. Para eles, a ideologia funciona como uma "falsa consciência", ocultando as contradições e desigualdades inerentes ao sistema capitalista. Louis Althusser reforça a ideia de ideologia ponderando:

A ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. [...] A ideologia tem por função assegurar, no imaginário, a relação dos indivíduos com suas condições de existência e, assim, garantir a reprodução das relações de produção (ALTHUSSER, 1970, p. 89).

Antonio Gramsci, em seus *Cadernos do Cárcere* (escritos entre 1929 e 1935), amplia a discussão sobre ideologia ao introduzir o conceito de hegemonia. Ele argumenta que a dominação das classes dominantes não se dá apenas pela coerção, mas também pelo consentimento, obtido através da difusão de valores e ideias que se tornam hegemônicos. Gramsci destaca que a ideologia burguesa não apenas justifica a exploração, mas também constrói uma visão de mundo que parece natural e universal. Para Gramsci:

A hegemonia é o processo pelo qual a classe dominante consegue obter o consentimento das classes subalternas, não apenas pela força, mas pela construção de um senso comum que legitima sua dominação. A ideologia, nesse sentido, não é imposta de forma unilateral, mas é resultado de uma luta cultural e ideológica, na qual as classes dominantes negociam e incorporam elementos das classes subalternas (GRAMSCI, 1930, p. 12).

Gramsci destaca o papel dos intelectuais e das instituições culturais na manutenção da hegemonia. Para ele, a luta pela transformação social deve incluir uma “guerra de posições”, na qual as classes subalternas disputam o poder cultural e ideológico. Marx (1867) amplia essa discussão em *O Capital*, ao analisar como a ideologia burguesa naturaliza a exploração do trabalho, apresentando-a como uma relação natural e inevitável. Nesse sentido, a ideologia não apenas reflete a realidade, mas também a distorce, servindo aos interesses das classes dominantes. Louis Althusser retoma e reformula a teoria marxista da ideologia em seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1970). Para Althusser, a ideologia não é apenas um conjunto de ideias, mas uma prática material que se manifesta através de instituições como a escola, a família, a igreja e os meios de comunicação. Esses “aparelhos ideológicos de Estado” atuam para reproduzir as relações de produção e manter a hegemonia das classes dominantes. Althusser introduz o conceito de “interpelação”, segundo o qual a ideologia “chama” os indivíduos, transformando-os em sujeitos que internalizam os valores e normas do sistema. Essa abordagem destaca o papel ativo da ideologia na constituição dos sujeitos, indo além da noção de “falsa consciência” proposta por Marx.

Em *Vigiar e Punir* (1987) e *Microfísica do Poder* (1979), Foucault argumenta que o poder não é uma entidade centralizada, mas uma rede de relações que permeia todas as esferas da vida social. Para ele, o poder não apenas reprime, mas também produz saberes, discursos e

práticas. Stuart Hall, em *Representação: Representações Culturais e Significantes Práticos* (1996), dialoga com a visão foucaultiana ao discutir como o poder opera através da produção de discursos e significados. Ele afirma:

O poder não é apenas repressivo, mas também produtivo. Ele produz saberes, práticas e subjetividades. Os discursos não são meros reflexos da realidade, mas práticas que constroem ativamente o mundo social (HALL, 1996, p. 45).

Hall reforça a ideia de Foucault de que o poder não se limita à repressão, mas também atua de forma produtiva, criando discursos e práticas que moldam a realidade social. Além disso, Hall destaca a importância dos discursos como ferramentas de poder, alinhando-se à noção foucaultiana de “regimes de verdade”. Judith Butler, em *Excitable Speech: A Politics of the Performative* (1997), complementa a visão de Foucault ao discutir como os discursos e as práticas performativas constituem as relações de poder. Ela argumenta que os discursos não apenas refletem as estruturas de poder, mas também as reproduzem e contestam. Butler destaca:

Os discursos são performativos, ou seja, eles não apenas descrevem a realidade, mas também a produzem. As normas sociais e as relações de poder são mantidas e contestadas através de práticas discursivas que definem o que é considerado “verdadeiro” ou “legítimo” em um determinado contexto (BUTLER, 1997, p. 15).

Foucault critica a noção tradicional de ideologia, argumentando que ela tende a simplificar as complexas relações de poder. Em vez disso, ele propõe a análise dos “regimes de verdade”, ou seja, dos discursos que são aceitos como verdadeiros em um determinado contexto histórico. Esses discursos são produzidos e sustentados por instituições como a ciência, a medicina e a educação, que atuam como mecanismos de controle social.

Stuart Hall (1996) retoma e atualiza as discussões sobre ideologia e poder no contexto dos estudos culturais. Em *Representação: Representações Culturais e Significantes Práticos*, Hall argumenta que a ideologia opera através da representação, ou seja, da produção e circulação de significados que constroem nossa compreensão da realidade. Para ele, a ideologia não está fixa em textos ou discursos, mas é um processo contínuo de significação que envolve lutas e negociações.

Hall destaca o papel dos meios de comunicação na produção e reprodução de ideologias. Ele propõe uma abordagem “codificação/decodificação” para analisar como as mensagens midiáticas são produzidas, transmitidas e interpretadas, ressaltando a possibilidade de

resistência e contestação por parte dos públicos. Apesar de suas contribuições, as teorias sobre ideologia e poder enfrentam críticas e desafios. Slavoj Žižek (1989), em *O Sublime Objeto da Ideologia* (1989), argumenta que a ideologia não é apenas uma distorção da realidade, mas uma ilusão que estrutura nossa própria realidade. Para ele, a ideologia opera através de fantasias que ocultam o vazio central da ordem social. Outros autores, como Judith Butler (1997), questionam a ênfase excessiva nas estruturas de poder, propondo uma abordagem mais focada nas práticas cotidianas e nas performances que constituem as identidades e as relações de poder.

A relação entre ideologia e poder é complexa e multifacetada, envolvendo dimensões materiais, culturais e discursivas. Desde as formulações clássicas de Marx e Gramsci até as abordagens contemporâneas de Foucault e Hall, as teorias sobre ideologia e poder têm evoluído para abarcar as transformações sociais e culturais. No entanto, como demonstram as críticas de Žižek e Butler, ainda há muito a ser explorado e questionado. A análise crítica da ideologia e do poder continua a ser uma ferramenta essencial para compreender e transformar as estruturas de dominação e desigualdade na sociedade contemporânea.

#### **1.4 A SEMIÓTICA DISCURSIVA: UMA ANÁLISE TEÓRICA DO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO NOS DISCURSOS**

A semiótica discursiva, desenvolvida a partir dos estudos de Algirdas Julien Greimas e seus seguidores, busca compreender como os sentidos são construídos nos discursos por meio da articulação de signos e estruturas narrativas. Essa abordagem tem como foco a análise dos processos de significação que envolvem a produção e interpretação de textos em diversas mídias, indo além do nível linguístico para abranger também aspectos visuais, simbólicos e culturais (GREIMAS; COURTÉS, 2013).

A teoria greimasiana estrutura-se em três níveis principais de análise: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo. O nível fundamental refere-se às categorias semióticas mais abstratas que organizam o sentido, como as oposições binárias (vida/morte, luz/escuridão, bem/mal). O nível narrativo, por sua vez, estrutura a construção da narrativa por meio do percurso do sujeito em busca de um objeto de valor, utilizando o esquema canônico da gramática narrativa (GREIMAS; COURTÉS, 2013). Por fim, o nível discursivo trata da

concretização dos sentidos na materialidade do texto, abrangendo aspectos como figuras, temas e estratégias enunciativas (FIORIN, 2008).

No contexto da análise de discursos visuais, a semiótica discursiva se destaca por sua capacidade de explorar a dimensão simbólica das imagens, associando-as a valores culturais e sociais. Elementos como cores, formas e disposições espaciais carregam significados que contribuem para a construção de sentidos no discurso visual (BARTHES, 2001). Assim, uma imagem não apenas representa, mas também interpreta e ressignifica a realidade por meio das escolhas enunciativas presentes na composição visual.

Além disso, a semiótica discursiva permite analisar a interação entre enunciador e enunciatário, destacando os efeitos de sentido projetados pelo discurso. Estratégias como modalizações (possibilidade, dever, desejo) e o papel dos actantes no percurso narrativo são essenciais para compreender a organização semiótica dos textos (FIORIN, 2008).

Portanto, a semiótica discursiva se apresenta como um campo teórico robusto para a análise da produção de sentidos em diferentes manifestações culturais, permitindo a compreensão dos mecanismos que estruturam as narrativas e influenciam a percepção dos indivíduos sobre o mundo.

A semiótica discursiva é uma área de estudo que se dedica à análise dos processos de significação presentes nos discursos, entendidos como práticas sociais que produzem sentidos. Essa abordagem teórica tem suas raízes na semiótica geral, desenvolvida por Ferdinand de Saussure e Charles Sanders Peirce, mas ganhou contornos específicos com os trabalhos de Algirdas Julien Greimas e da Escola de Paris. Este trabalho tem como objetivo explorar os fundamentos teóricos da semiótica discursiva, seus principais conceitos e aplicações, bem como discutir críticas e desafios enfrentados por essa abordagem. Para tanto, serão utilizadas as contribuições de autores como Greimas, Benveniste, Authier-Revuz, Landowski, entre outros, que oferecem bases sólidas para a compreensão dos processos de construção de sentido nos discursos.

A semiótica discursiva parte do pressuposto de que o sentido não está contido nos signos de forma isolada, mas é construído a partir de relações e processos discursivos. Greimas (1970) propõe que o sentido emerge da articulação de elementos em estruturas narrativas e discursivas, organizadas em níveis de profundidade: o nível fundamental, o narrativo e o discursivo. Para ele, o discurso é uma “forma de organização do sentido” que se manifesta por meio de figuras, temas e valores.

Greimas e Courtés (1979) definem o discurso como uma “instância de enunciação” que articula um sujeito enunciador e um sujeito enunciatário, mediados por um objeto de valor. Essa relação triádica é fundamental para compreender como os sentidos são produzidos e negociados no discurso. A enunciação, portanto, não é apenas um ato individual, mas uma prática social que reflete e constrói realidades.

Um dos conceitos centrais da semiótica discursiva é o percurso gerativo de sentido, proposto por Greimas (1983). Esse modelo teórico descreve como o sentido é gerado em diferentes níveis de profundidade, desde as estruturas mais abstratas (nível fundamental) até as manifestações concretas (nível discursivo). No nível fundamental, encontramos as categorias semióticas básicas, como a oposição entre ser e parecer, que organizam o universo de sentido. No nível narrativo, essas categorias se concretizam em actantes e programas narrativos, enquanto no nível discursivo, elas se manifestam em figuras e temas.

O percurso gerativo permite analisar como os discursos constroem sentidos a partir de escolhas específicas de linguagem, organização narrativa e estratégias enunciativas. Para Fiorin (2016), essa abordagem é particularmente útil para entender como os discursos ideológicos naturalizam certas visões de mundo, ocultando suas condições de produção.

A enunciação é um conceito-chave na semiótica discursiva, pois é nesse processo que o sujeito se constitui como tal. Benveniste (1966) já havia destacado a importância da enunciação como ato fundador do sujeito, ao afirmar que “é na enunciação que o sujeito se apropria da língua e se constitui como eu”. Greimas retoma essa ideia, mas a amplia ao considerar que a enunciação não é apenas um ato individual, mas uma prática social que envolve a negociação de sentidos entre enunciador e enunciatário.

Para Authier-Revuz (1995), a enunciação é marcada por uma “heterogeneidade constitutiva”, ou seja, o discurso nunca é homogêneo, mas sempre carrega marcas de outras vozes e discursos. Essa perspectiva dialógica, influenciada por Bakhtin (1981), permite compreender como os discursos se constroem a partir de intertextualidades e polifonias.

A semiótica discursiva tem sido amplamente aplicada em diversas áreas, como a análise de textos literários, publicitários, políticos e midiáticos. Barros (2005) utiliza a semiótica para analisar como os discursos publicitários constroem identidades de marca por meio de estratégias narrativas e figurativas. Já Charaudeau (2005) aplica a semiótica discursiva ao estudo dos discursos políticos, mostrando como eles mobilizam paixões e valores para construir legitimidade.

Na análise literária, a semiótica discursiva tem sido usada para estudar a construção de personagens e enredos. Zilberberg (2006) propõe uma abordagem semiótica para entender como os textos literários constroem efeitos de sentido por meio de escolhas narrativas e discursivas

Apesar de sua ampla aplicação, a semiótica discursiva também enfrenta críticas. Alguns autores, como Rastier (2001), argumentam que a semiótica greimasiana tende a ser muito formalista, negligenciando as dimensões históricas e sociais dos discursos. Outros, como Maingueneau (1996), criticam a ênfase excessiva nas estruturas narrativas, sugerindo que a análise do discurso deve levar em conta também as condições de produção e recepção.

A semiótica discursiva oferece um quadro teórico robusto para a análise dos processos de significação nos discursos. Ao integrar conceitos como enunciação, percurso gerativo de sentido, ela permite compreender como os discursos constroem sentidos e produzem efeitos sociais. No entanto, como qualquer abordagem teórica, ela não está isenta de desafios e críticas, que devem ser considerados para o seu desenvolvimento contínuo. A semiótica discursiva continua a ser uma ferramenta valiosa para a análise crítica dos discursos, contribuindo para a compreensão das complexas relações entre linguagem, sociedade e cultura.

## **CAPÍTULO II**

### **O CORPUS**

#### **2.1 - A ERUPÇÃO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL/NEOPENTECOSTAL NO BRASIL**

A erupção do pentecostalismo no Brasil é um capítulo marcante na história da religião e da sociedade no país. Ao falar de religião, não há como se desvincular o assunto de todo o contexto ideológico e social e esferas que permeiam as vivências no cotidiano. Passos (2011), em sua concepção religiosa, define-a como um sistema de significados que fornece ao ser humano uma referência de vida, interferindo no seu modo de pensar, sentir e agir no mundo. Esse sistema, desde os primórdios, contribuiu para a formação da grande massa discursiva/ideológica através do livro sagrado, o qual tem como principal fundamento o enclausuramento de corpos. A abordagem do referido capítulo percorre a construção

ideológica, sintetizada em alguns aspectos da historiografia da religião, de como engendrou-se na construção social.

Um capítulo importante para as conjunturas sociais religiosas que reverbera até a atualidade é o movimento de Martin Lutero, que se inicia em 1517, proveniente de uma ruptura que aconteceu com a igreja católica. Por meio da ruptura coordenada por Lutero, através de vertentes do protestantismo, surgiram diferentes denominações de igrejas cristãs, que conseqüentemente culminam com a eclosão do movimento Pentecostal/Neopentecostal.

Passos (2011) argumenta que, a partir da reforma protestante, busca-se um retorno às origens históricas do cristianismo, o que, na verdade, significa uma composição do tempo original sagrado. Contextualizando o período da reforma protestante, o original sagrado se opõe ao profano, termo que Eliade (1992) retrata em sua obra *O Sagrado e o Profano*.

Ao ser datada pelas igrejas portuguesas, o pentecostalismo chegou ao Brasil no início do século XX, principalmente através dos esforços de missionários americanos e suecos. Uma das primeiras denominações pentecostais a se estabelecer no Brasil foi a Assembleia de Deus, que foi fundada nos Estados Unidos e começou o trabalho missionário no Brasil entre 1910 e 1911.

Entretanto, quem são os Pentecostais? Segundo João Décio Passos:

Os pentecostais são um segmento do cristianismo que adota uma interpretação e uma prática marca das pelo que consideram ser Experiência do Espírito Santo, iniciada pelo batismo no Espírito Santo e confirmada pelos dons de línguas - glossolalia - e das curas. (PASSOS, 2011, p. 14)

As experiências narradas através dos cultos evidenciam a necessidade da veracidade que os cristãos tinham em conceber a prática de adoração. O pentecostalismo experimentou um crescimento e expansão significativos no Brasil ao longo do século XX, particularmente a partir da década de 1950. Esse crescimento foi impulsionado por uma variedade de fatores, incluindo a agitação social, a urbanização e a busca de significado espiritual e capacitação entre a população urbana em rápida expansão no Brasil. As igrejas pentecostais, com sua ênfase na adoração emocional, curas milagrosas e transformação pessoal, ganham adesão de muitos brasileiros que buscam uma forma mais dinâmica e experimental de cristianismo.

O pentecostalismo no Brasil tem tido um profundo impacto sócio-político, influenciando vários aspectos que permeiam as conjunturas sociais, desde assuntos relacionados à pobreza e justiça social até a política eleitoral. O movimento pentecostal surgiu

no final do século XIX e início do século XX, principalmente nos Estados Unidos, como resultado de vários movimentos de santidade e carismáticos. O Conceito que Robert Menzies delimita, apregoa que:

Todo cristão que crê que o livro de Atos fornece um modelo para a igreja contemporânea e, nesta base, incentiva todos os crentes a experimentar o batismo no Espírito (Atos 2:4), entendido como capacitação para a missão, distinto da regeneração, que é marca do por falar em línguas, e afirma que “sinais e maravilhas”, inclusive todos os dons mencionados em I Coríntios 12: 8- 10 devem caracterizar a vida da igreja hoje (MENZIES, 2016, p. 16)

As igrejas pentecostais que aderem ao movimento prestam frequentemente serviços sociais, como cuidados relacionados à saúde, educação e apoio comunitário, que ajudam a responder às necessidades das comunidades marginalizadas. Os líderes das igrejas pentecostais também se tornaram atores políticos influentes, mobilizando as suas congregações em torno de questões como os valores da família, a moralidade e a liberdade religiosa. Conceito de família que posteriormente Sandalowski definiu como:

O modelo de família tradicional e, mais tarde, de família nuclear, é tido como forma de organização dominante na sociedade brasileira. Esta situação tem como origem o tradicionalismo, o positivismo e a atuação da Igreja no Brasil ao longo dos anos. (Sandalowski, 2007, p. 1)

Através do processo cultural, o pentecostalismo no Brasil tem passado por um processo de adaptação cultural, incorporando elementos da cultura e espiritualidade brasileira em suas práticas de adoração e perspectiva teológica. Isso levou ao surgimento de formas exclusivamente brasileiras de pentecostalismo, caracterizadas pelo sincretismo, formas expressivas de adoração e uma ênfase na teologia da prosperidade.

O pentecostalismo continua sendo um dos movimentos religiosos de maior crescimento no Brasil, com milhões de adeptos em todo o país. As igrejas pentecostais desempenham um papel significativo na sociedade brasileira, moldando o discurso público, influenciando tendências culturais e contribuindo para debates sobre questões que vão da moralidade às políticas públicas. De um modo geral, a ascensão do pentecostalismo no Brasil reflete tanto a diversidade religiosa como a dinâmica social do país, destacando as formas como a religião se cruza com a política, a cultura e a vida quotidiana. Com a finalidade de exemplificar o movimento no Brasil, apresentam-se, em sequência, as três ondas do Pentecostalismo.

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Seus principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). (PASSOS, 2011, p. 44)

### **2.1.1 Primeira Onda (Pentecostalismo Clássico)**

O Movimento Pentecostal no Brasil teve três ondas diferentes, momentos que demarcam categoricamente cada conceito importante do movimento no Brasil. O início da primeira onda aconteceu em 1910 com a fundação da Congregação Cristã no Brasil em São Paulo; no ano seguinte, em 1911, ocorre a fundação das Assembleias de Deus no Pará. Através da erradicação nos Estados Unidos, de dois Missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, dar-se-á o início da maior igreja pentecostal no Brasil, como Joanyr Oliveira apresenta:

Dois missionários batistas de origem sueca de nome Daniel Berg e Gunnar Vingren, logo depois de passarem por uma experiência pentecostal, sob a influência de Durham, numa convenção de igrejas batistas reavivadas na cidade de Chicago em 1910, receberam em mensagem profética o nome 'Pará'. Após consultarem uma biblioteca, verificaram que se tratava de um estado do Brasil. Sem apoio financeiro, tomaram um navio em Nova York em 5 de novembro de 1910 e aqui chegaram em 19 de novembro. Uniram-se a uma igreja batista de origem sueca, onde, após haverem aprendido o português, passaram a pregar sobre o pentecostes. Em 8 de junho de 1911, Celina Albuquerque, membro da igreja, recebe o pentecostes, em seguida com mais dezenove irmãos, são expulsos da igreja batista, vindo a fundar em 18 de junho de 1911 a Missão de Fé Apostólica que em 1918 passa a se chamar Assembleia de Deus. (OLIVEIRA, 1997, p. 37)

Após a grande integração de novos segmentos cristãos que foram se difundindo para outras regiões, é válido ressaltar o período em que se insere o discurso pentecostal e como se delimitam os que estão recebendo/ouvindo. Um dos principais pontos da expansão das igrejas assembleianas deu-se a partir da região amazônica, que no mesmo momento passava por drásticas transformações econômicas e demográficas, como são narradas por Claiton Ivan Pommerening:

De 1911 a 1950 o pentecostalismo não tem muita expressividade no Brasil, porém as duas grandes guerras mundiais aguçam a demanda por borracha natural. Como o Brasil é um dos maiores produtores, grande contingente de migrantes do Nordeste tem

contato com o pentecostalismo, especialmente através do porto de Belém, onde acontecia o maior fluxo de pessoas. Com o declínio da extração e comércio da borracha, muitos destes migrantes voltaram para suas cidades de origem e levaram consigo a nova fé descoberta no desconforto das matas e na ausência dos familiares. POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e Pentecostalismo: fatores de crescimento associados à oralidade. (POMMERENING, 2007, p. 17, 20).

Pondera-se, por meio da contribuição de Pommerening, que, a partir da oralidade, as pessoas ali eram mais propensas a receber o discurso proferido; assim sendo, o avanço das adesões na primeira onda pode ser entendido por um processo discursivo de grande persuasão, que tomava a fragilidade dos ouvintes como um fator favorável ao convencimento. O discurso sempre foi o meio, desde o princípio, como forma de persuasão e de manipulação, destacando-se como instrumento fundamental para a disseminação dos dogmas e preceitos religiosos.

A forma como os líderes se apresentava anteriormente, comparando-se à forma de pregação religiosa histórica em seu êxito de adesões, era mais sofisticada, já que os pastores de tais igrejas eram preparados intelectualmente. Já no período que ocorre a chegada ao Brasil, os mesmos, frente às condições das pessoas que ali viviam, usaram da simplicidade para que conseguissem disseminar o pentecostalismo. Através dos cultos, as mensagens de fácil entendimento eram rapidamente internalizadas pelos ouvintes, resultando em convencimento e adesão. É o que destaca Claire Banche-Benveniste:

O pentecostalismo atingiu as massas brasileiras, pois conseguiu falar a mesma linguagem delas. A simplicidade e força com que opera a retórica pentecostal, facilita sua compreensão e recepção por parte de pessoas, em sua maioria, destituídas de melhores condições de articular pensamentos mais complexos e compreender discursos muito elaborados, como em igrejas históricas tradicionais. O discurso pentecostal sempre é mediado por palavras e símbolos, embora seja fundamentalista e redundante. A oralidade pentecostal explora recursos retóricos, para causar fixação da atenção do ouvinte e assim conseguir com que apreenda o conteúdo do que está sendo dito; a modulação da voz, as mudanças de tonalidade, as músicas e as danças. (BLANCHE-BENVENISTE, 1998. p. 51.)

As massas representadas por Banche-Benveniste podem ser definidas como os indivíduos de baixa condição econômica, aqueles que estavam à mercê dos ensejos que a igreja impunha, como descreve Cleiton Ivan Pommering:

O pentecostalismo teve sua matriz teológica formatada em contextos de pobreza, inicialmente alicerçados em ciclos migratórios e posteriormente em periferias urbanas marginalizadas, influenciados pela distância da terra natal e parentes próximos, ausência do estado em suprir necessidades básicas e num ambiente de sofrimento e busca. (POMMERENING, 2011, p. 20).

Por muito tempo o discurso permeou espaços de persuasão na conquista da grande massa; entretanto, houve a necessidade de outros meios, como o reavivamento, que se destaca por enfatizar a concepção do pentecoste, sua origem, e de como ele se tornou importante na concepção da salvação.

As primeiras ações do reavivamento deram-se na Rua Azusa, em Los Angeles, Califórnia, que começou em 1906. Este reavivamento, liderado pelo pregador afro-americano William J. Seymour é considerado o catalisador do movimento pentecostal moderno. A marca distintiva do reavivamento da Rua Azusa foi à experiência de falar em línguas, que os aderentes acreditavam ser prova do batismo no Espírito Santo, tal como descrito no livro de Atos do Novo Testamento, “Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo” (Bíblia Sagrada, Atos 1:5). A particularidade da relação com Deus trouxe a glossolalia que, ao ser pesquisada etimologicamente no *Dicionário do Movimento Pentecostal*, Isael de Araújo contribui para a significação na qual ele diz:

A glossolalia pode ser considerada uma linguagem porque é realizada com os órgãos vocais e tem finalidade de comunicar um conteúdo interior. É como a expressão mais íntima do próprio eu, embora seja uma linguagem pré-racional ou pré-conceitual. O glossólalo tem clara consciência de que está se comunicando com Deus. Estas línguas podem também ser chamadas de xenolalia (ou xenoglossolalia) em que o indivíduo aprende a falar milagrosamente um idioma de outro país ou cultura com o propósito de evangelizar. Era frequentemente praticado entre os irmãos morávios por ocasião de seu fervor missionário em outros países. A mais usual entre os pentecostais, é a glossolalia já definida acima, em que o indivíduo fala uma língua também desconhecida, porém, geralmente sem qualquer vinculação com um idioma de outro país ou cultura e que se destina ao que se chama de ‘edificação pessoal’, ou seja, serve apenas para o próprio indivíduo se identificar como tendo recebido o batismo no Espírito Santo e através disto receber ‘poder’. Outros termos empregados para semelhanças deste fenômeno são: akolalia (compreender um idioma desconhecido); echolalia (repetição inquietante das palavras ditas por outra pessoa); ermenoglossia (interpretação de línguas). (ARAÚJO, 2007, p. 331-332)

O pentecostalismo espalhou-se rapidamente pelos Estados Unidos e não só com a formação de numerosas denominações pentecostais, mas também com igrejas independentes. Com a chegada da igreja Cristã no Brasil, que já abarca uma diferente concepção das futuras igrejas que serão inseridas, inicia-se a primeira onda através dos ensinamentos dentro da Comunidade Cristã. No ano seguinte, há uma renovação com a erupção da igreja Assembleia de Deus no Brasil, que se remete ao avivamento, que traz a experiência com Deus através de experiência sobrenatural, que se difere das outras épocas em que usavam o saber para transferir “A palavra de Deus”. Para os crentes da primeira onda, a presença de Deus está longe de ser uma relação abstrata, entretanto, na contemporaneidade os fiéis, por meio do dom de línguas

ou línguas estranhas, como os mesmos o denominam, já se delineiam outras concepções. Segundo Ricci,

Muitos fiéis acreditam que o dom de línguas seja uma porta de entrada para a aquisição de outros dons espirituais, como os dons de curar, de profecia, de revelação, de sonhos, de visões, da palavra, do discernimento. Essa posição também é compartilhada entre os fiéis da Renovação Carismática Católica. A partir do momento que se é batizado com o Espírito Santo e fala-se em línguas, cada fiel, potencialmente, passaria a ter os condicionantes religiosos e míticos para o despertar de outros dons, ainda que eles estejam inoperantes na vida dos crentes. Caberia ao fiel criar mecanismos para o despertar desses outros carismas, por meio da oração, do jejum, da participação nas vigílias, da oração nas matas e nos montes, das participações das atividades da igreja e da submissão às normas institucionais, esses são os meios mais comuns de se alcançar os dons. (RICCI, 2007, p. 58)

Ressalte-se que a glossolalia, além do misticismo, evidencia a existência de Deus e do Espírito Santo na vida do cristão, um ato que traz veracidade. A derrocada do movimento pentecostal deu-se a partir do momento em que surgiu a necessidade da busca por renovação espiritual e uma experiência mais profunda com Deus, a necessidade de uma força abstrata, especialmente no ambiente das igrejas protestantes nos Estados Unidos. A procura do avivamento espiritual estava muito interligada ao cenário de crescimento das denominações evangélicas ao final do século XIX e início do século XX, com uma ênfase no cristianismo pessoal e na santificação.

### **2.1.2 Segunda Onda do Pentecostalismo no Brasil (meados do século XX):**

Foi em 1950 que dois missionários da International Church of The Foursquare Gospel chegaram ao Brasil e criaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (I.E.Q), construindo um pequeno templo em São João da Boa Vista, São Paulo. Em 1952, a convite do pastor da Igreja Presbiteriana do Cambuci, dirigiram-se à cidade de São Paulo para realizar uma jornada de evangelização e milagres. Uma “Jornada Cristã” caracteriza como o canal de pregação da mensagem de salvação de Jesus. Em seguida, conseguiram uma tenda de lona no mesmo bairro e, por meio do rádio, revolucionaram o evangelismo pentecostal, com reuniões em tendas a que centenas de pessoas compareceram. Dessa forma, surgiu a Cruzada Nacional de Evangelização, com a tenda número 01 percorrendo todas as cidades do estado de São Paulo. Sempre que a tenda mudava, colocava uma I.E.Q. no lugar.

Dessa Igreja, surgiram muitas outras denominações, como O Brasil para Cristo, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, A Casa da Bênção, Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia do Brasil, Igreja Pentecostal Unida do Brasil, Ministério Cristo Vive, Igreja Unida, Igreja de Nova Vida e outras. A Segunda Onda Pentecostal abrange o período de 1950 a 1970.

Em meados do século XX, assistiu-se ao aparecimento do movimento carismático no seio das denominações cristãs existentes, particularmente nas décadas de 1960 e 1970. Ao contrário da primeira onda, que se concentrava principalmente em falar em línguas e outras manifestações sobrenaturais, o movimento carismático enfatizava a experiência dos dons do Espírito Santo, como profecias, curas e milagres dentro das principais igrejas cristãs. Esta onda levou à adoção generalizada de práticas e crenças pentecostais entre cristãos não-pentecostais, incluindo-se dentro das tradições católicas, ortodoxas e protestantes.

O movimento carismático no interior das igrejas protestantes tradicionais tem início no final dos anos de 1950 e o marco inicial varia conforme os autores. Para uma visão histórica veja o artigo de Sumio Takatsu "Perguntas ao Movimento Carismático". No mesmo artigo, o autor faz distinções entre o pentecostalismo e o movimento carismático. Elas são importantes para o contexto do protestantismo de missão brasileiro, uma vez que as ênfases doutrinárias destes dois movimentos estão reunidas de tal maneira que se torna extremamente difícil distingui-las. (TAKATSU, 1984, p. 63-74)

O discurso pentecostal na Segunda Onda (também conhecido como o movimento carismático) e representou uma expansão e adaptação do pentecostalismo tradicional, com a diferença fundamental de que, enquanto o movimento pentecostal da Primeira Onda estava mais centrado em denominações próprias e específicas, o movimento carismático se espalhou por dentro de várias denominações cristãs tradicionais, como a Igreja Católica, a Igreja Anglicana, as Igrejas Ortodoxas e as igrejas protestantes históricas (Luteranas, Presbiterianas, etc.).

A principal característica da Segunda Onda foi a sua natureza ecumênica. Ao contrário da Primeira Onda, que ficou restrita a igrejas pentecostais específicas, o movimento carismático invadiu as tradições cristãs já estabelecidas. Igrejas históricas, como a Católica, Anglicana, Presbiteriana e até as mais tradicionais igrejas protestantes começaram a experimentar os mesmos fenômenos que eram comuns no pentecostalismo, como o falar em línguas e a cura divina. Isso fez com que o movimento carismático fosse, em grande parte, caracterizado por sua capacidade de ultrapassar barreiras denominacionais.

Esse fenômeno gerou um discurso de unidade cristã, com ênfase na renovação espiritual dentro das igrejas históricas, sem a necessidade de fundar novas denominações, como havia

ocorrido com o pentecostalismo. Assim como no pentecostalismo da Primeira Onda, o batismo no Espírito Santo e as manifestações espirituais (especialmente o falar em línguas) continuam sendo centrais. No entanto, a Segunda Onda procurou ampliar o entendimento desses dons, sugerindo que todos os cristãos poderiam e deveriam experimentar uma vida plena do Espírito Santo, independentemente da sua afiliação denominacional. O discurso pentecostal da Segunda Onda se concentrava em uma experiência espiritual mais intensa e vivencial, onde a presença do Espírito se manifestava por meio de sinais como curas, profecias, milagres e também no falar em línguas.

### **2.1.3 Terceira Onda do Pentecostalismo no Brasil (Final do Século 20 até o presente):**

A Terceira Onda começou em 1970 e deu origem a um novo período chamado Neopentecostal (onde Neo significa Novo), devido à sua maior liberdade, já que a maioria das denominações pentecostais anteriores proibia ouvir rádio ou assistir televisão, além de serem rígidas em termos de usos e costumes.

Entre 1977 e 1992, surgiram as Igrejas: Universal do Reino de Deus, fundadas pelo Bispo Edir Macedo (1977, Rio de Janeiro), Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada pelo Missionário R. R. Soares (1980, Rio de Janeiro), Comunidade Cristã Paz e Vida, fundada pelo Pr. Juanribe Pagliarin (1982, São Paulo), Igreja Renascer em Cristo, fundada pelo Apóstolo Estevan Hernandes (1986, São Paulo), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada pelo Bispo Robson Rodovalho (1992, Brasília) e Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada pelo Apóstolo Valdemiro.

A partir da década de 1980 se instauram as tendências de cura, práticas de exorcismo e amplos meios de comunicação. Os Neopentecostais usam bastante a mídia eletrônica e métodos de administração modernos, como marketing, planejamento estatístico, análise de resultados, etc. O Neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresce no Brasil e, conseqüentemente, a mais influente. Atualmente, a Terceira Onda Pentecostal está em plena atividade.

As igrejas protestantes no Brasil foram influenciadas fortemente pelas pregações do televangelista Billy Graham (em especial, na década de 1970). Sucedeu-se, nos anos de 1980, uma grande audiência para os programas de Jimmy Sweagart, Rex Humbard e outros. A utilização da televisão do rádio para fins evangelísticos tornou célebre a expressão "Igreja Eletrônica", de uso corrente nos setores críticos aos movimentos pentecostais e carismáticos. (ASSMANN, 1986)

Quase todos os Neopentecostais surgiram de divergências. Por exemplo: a Igreja Universal surgiu de uma discrepância entre Edir Macedo e o pastor McAlister, que fundou a Igreja de Nova Vida. As Igrejas da Graça e Mundial, por divergência entre R.R. Soares e Valdemiro Santiago com Edir Macedo. A Sara Nossa Terra surgiu após uma divergência entre os Bispos Rodovalho e Cesar Augusto, que faziam parte da Comunidade Evangélica de Goiânia, cada líder com seus próprios interesses ao fundar diferentes igrejas com diferentes vertentes e denominações.

A terceira onda do movimento pentecostal ficou, assim, caracterizada pelo crescimento de igrejas carismáticas independentes e redes fora das estruturas denominacionais tradicionais, com a finalidade de explorar diferentes meios para que o discurso tivesse um alcance maior. Essa onda também testemunhou o surgimento de movimentos neopentecostais ou da “Terceira Onda”, que enfatizavam uma abordagem mais experimental e menos institucional do pentecostalismo. Figuras notáveis da terceira onda incluem John Wimber, fundador do Movimento Vineyard, e C. Peter Wagner, que popularizou o termo “Terceira Onda” para descrever esta expressão contemporânea do Pentecostalismo. Ao longo da sua história, o movimento pentecostal tem continuado a evoluir e a diversificar-se, com variações na teologia, estilos de culto e expressões culturais. Apesar destas diferenças, o Pentecostalismo permanece unido pela sua ênfase na experiência do Espírito Santo e na crença nos dons espirituais para a edificação da igreja.

No entanto, como qualquer movimento religioso significativo, ela também enfrenta desafios e críticas, especialmente no que diz respeito a questões de preconceito, exclusão e a forma como lida com certos grupos sociais. É importante notar que, embora a Terceira Onda seja, em grande parte, orientada por uma visão inclusiva e de transformação, a relação com o preconceito, seja ele relacionado à orientação sexual, etnia, classe social, ou outras formas de marginalização, pode variar dependendo da igreja ou liderança local. Em termos gerais, as tensões e debates sobre preconceito dentro do movimento podem ser analisados sob diferentes perspectivas. Apesar da abordagem inclusiva em vários aspectos, a relação da Terceira Onda com a comunidade LGBT tem sido mais complexa e, em alguns casos, controversa. Embora a Terceira Onda se distinga de outras vertentes do pentecostalismo por seu enfoque ecumênico e por sua abertura a diferentes tradições cristãs, ela não escapa das tensões em relação à sexualidade e identidade de gênero.

A maioria das igrejas e líderes da Terceira Onda ainda mantém uma visão tradicional sobre questões de moralidade sexual, baseando-se em interpretações bíblicas que consideram a homossexualidade como um pecado. Assim, muitas dessas comunidades ainda rejeitam a aceitação plena dos direitos civis para pessoas LGBT, incluindo o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Em algumas denominações da Terceira Onda, há uma ênfase na oração e ministério de cura como meio de “libertação” para pessoas LGBT que buscam mudar sua orientação sexual, o que tem gerado críticas por parte de ativistas dos direitos humanos e da comunidade LGBT.

A ideia de “cura” ou “libertação” é vista por muitos como uma forma de exclusão e preconceito. Embora o movimento busque ampliar a inclusão social e espiritual, ele ainda mantém, em várias de suas expressões, uma abordagem tradicionalista e, em alguns casos, exclusivista, especialmente em relação à moralidade sexual e a determinadas questões sociais. É importante notar, contudo, que o movimento está em constante evolução e que algumas vertentes dentro dele estão trabalhando ativamente para combater atitudes preconceituosas e promover uma maior aceitação e inclusão para todos os indivíduos, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero ou origem social.

Retirado de uma reportagem do G1 Minas Gerais, o discurso proferido por um Pastor causa revolta entre a comunidade LGBTQIAPN+. A manchete da reportagem é “Pastor diz em culto que, se pudesse, ‘Deus mataria’ a população LGBTQIA+ e fala para fiéis ‘irem para cima’”, possui o impacto do conteúdo do sermão, cuja transcrição é a seguinte:

A porta que se abriu para o casamento homossexual, homoafetivo, não é um mero casamento: Ah, mas eles se amam, Jorjão com Jorjão, Terezinha com Terezinha, ah não, o que vale é toda forma de amor, deixa casar, deixa, deixa, deixa viver. Ai hoje você vê nas paradas homens e mulheres nuas com os seus órgãos genitais completamente expostos dançando na frente de crianças, ai você horroriza: ah, que absurdo, mas essa porta foi aberta quando nós tratamos como normal aquilo que a Bíblia já condena. Então agora é hora de tomar as cordas de volta e dizer: não, não, não. Pode parar, reseta, ai Deus fala: não posso mais, já meti esse arco íris ai, se eu pudesse eu mata va tudo e começa va tudo de novo. Mas já prometi para mim mesmo que eu não posso, então agora está com vocês. Exclama para a igreja: você não pegou o que eu disse, vou falar de novo: está com você, sacode uns quatro do seu lado e fala: vamos para cima, eu e a minha casa serviremos ao senhor. E é por causa de uma porta que parecia bonitinha, um casal LGBTQIA+ casando, ai agora você tem Drag Queens dentro da sala de aula ensinando sexualidade aos nossos filhos.

A cena da pregação pode ser vista em vídeo no seguinte link:

<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/07/03/pastor-andre-valadao-diz-em-culto-que-se-pudesse-deus-mataria-a-populacao-lgbt-e-fala-para-fieis-irem-para-cima-da-comunidade.ghtml>

#### **2.1.4 Aparato Histórico do Movimento LGBTQIAPN+: Do Mundo ao Brasil**

A sigla LGBTQIAPN+ representa a diversidade de orientações sexuais, identidades de gênero e expressões de gênero. Cada letra simboliza um grupo ou uma identidade em sua especificidade, e o “+” indica a inclusão de outras identidades que não estão explicitamente sendo representadas na sigla.

L - Lésbicas

Mulheres que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres. A visibilidade lésbica é fundamental para combater a lesbofobia e promover a representação das mulheres LGBTQIAPN+.

G - Gays

Homens que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros homens. No Brasil, a comunidade gay tem sido uma das mais visíveis no movimento LGBTQIAPN+, especialmente durante a luta contra a epidemia de HIV/AIDS nas décadas de 1980 e 1990.

B - Bissexuais

Pessoas que sentem atração afetiva e/ou sexual por mais de um gênero. A bissexualidade muitas vezes enfrenta preconceito tanto dentro quanto fora da comunidade LGBTQIAPN+, sendo frequentemente invalidada ou estereotipada.

T - Transgêneros

Pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo designado no nascimento. Isso inclui mulheres trans (pessoas que foram designadas como homens ao nascer, mas se identificam como mulheres) e homens trans (pessoas que foram designadas como mulheres ao nascer, mas se identificam como homens). A luta das pessoas trans no Brasil é marcada pela busca por direitos básicos, como o acesso à saúde, educação e trabalho, além do combate à transfobia, que resulta em altos índices de violência contra essa população.

Q - Queer

O termo “*queer*” é usado para descrever pessoas que não se identificam com as normas tradicionais de gênero e sexualidade. No Brasil, “*queer*” também é associado a uma perspectiva crítica e desconstruído das identidades fixas, abrindo espaço para fluidez e diversidade.

#### I - Intersexo

Pessoas que nascem com características sexuais biológicas (genitais, cromossomos ou hormônios) que não se encaixam estritamente nas definições típicas de masculino ou feminino. No Brasil, a luta intersexo busca o fim de cirurgias e intervenções médicas não consentidas em bebês e crianças intersexo, além de visibilidade e respeito.

#### A - Assexuais

Pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas, independentemente do gênero. A assexualidade é uma orientação sexual válida, e no Brasil, o movimento assexual busca conscientizar sobre a diversidade das experiências humanas e combater a invisibilidade desse grupo.

#### P - Pansexuais

Pessoas que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras pessoas, independentemente do gênero. A pansexualidade enfatiza a atração por indivíduos, não por gêneros, e no Brasil, essa identidade tem ganhado mais visibilidade nos últimos anos.

#### N - Não binários

Pessoas cuja identidade de gênero não se limita às categorias de masculino ou feminino. Elas podem se identificar com ambos os gêneros, com nenhum dos dois, ou com uma identidade fluída. No Brasil, a luta das pessoas não binárias inclui o reconhecimento de seu gênero em documentos e o combate à invisibilidade e ao preconceito.

No Brasil, a sigla LGBTQIAPN+ reflete a diversidade de uma sociedade marcada por desigualdades e lutas históricas por direitos humanos. A comunidade LGBTQIAPN+ brasileira enfrenta desafios como a violência (o Brasil é um dos países que mais mata pessoas trans no mundo), a discriminação no mercado de trabalho, a falta de políticas públicas eficazes e o preconceito religioso e cultural. No entanto, também há avanços, como a criminalização da homofobia e da transfobia pelo STF (2019) e a crescente visibilidade de personalidades LGBTQIAPN+ na mídia, na política e na cultura.

O movimento LGBTQIAPN+ tem uma longa e complexa história de lutas por direitos, reconhecimento e igualdade. Desde as civilizações antigas até os dias atuais, a comunidade LGBTQIAPN+ tem enfrentado repressão, mas também conquistado espaço e direitos.

Na Grécia e Roma antigas, as relações entre pessoas do mesmo sexo eram comuns e, em alguns casos, socialmente aceitas. No entanto, com a expansão do cristianismo e da moral judaico-cristã na Idade Média, a homossexualidade passou a ser criminalizada e punida severamente (Boswell, 1980).

No final do século XIX, os primeiros estudos sobre a homossexualidade emergiram na Europa, destacando figuras como Karl Heinrich Ulrichs, pioneiro na defesa dos direitos homossexuais (Kennedy, 2014). No século XX, com a Segunda Guerra Mundial e o nazismo, pessoas LGBTQIAPN+ foram perseguidas e enviadas para campos de concentração (Plant, 1986).

O movimento moderno pelos direitos LGBTQIAPN+ ganhou força com a Revolta de Stonewall em 1969, em Nova York. O evento foi uma resposta violenta contra a repressão policial em bares frequentados pela comunidade LGBTQIAPN+, tornando-se um marco na luta pelos direitos civis (Duberman, 1993). A partir de então, a mobilização cresceu nos Estados Unidos e se espalhou para outras partes do mundo.

No Brasil durante o período colonial e imperial, as relações homoafetivas eram condenadas e, muitas vezes, punidas com penas severas, devido à influência da Igreja e das leis portuguesas (Green, 2000). Durante a Ditadura Militar (1964-1985), a repressão às expressões de sexualidade dissidente foi intensa. Entretanto, na década de 1970, surgiram os primeiros movimentos organizados de luta pelos direitos LGBTQIAPN+, como o grupo Somos, em 1978 (Mott, 2002).

Com a redemocratização, nos anos 1980, a comunidade LGBTQIAPN+ ganhou mais visibilidade, especialmente com a luta contra a epidemia da AIDS. Nos anos 1990 e 2000, avanços legais foram conquistados, como a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) reconhecendo uniões homoafetivas em 2011 e a criminalização da homofobia em 2019.

### **2.1.5 Personalidades Políticas LGBTQIA+ Brasileiras na Luta contra o Preconceito e o Discurso de Ódio**

No Brasil, a luta pelos direitos LGBTQIAPN+ e contra o preconceito e o discurso de ódio tem sido fortalecida por diversas personalidades políticas que, com sua atuação e visibilidade, têm contribuído para a promoção da igualdade e do respeito. Essas figuras, muitas vezes enfrentando desafios e resistências, tornaram-se símbolos de resistência e esperança para a comunidade LGBTQIAPN+ e para a sociedade como um todo.

Jean Wyllys, jornalista, escritor e ex-deputado federal pelo PSOL-RJ, foi um dos primeiros parlamentares assumidamente gay no Brasil. Durante seus mandatos, ele foi um defensor ferrenho dos direitos humanos e LGBTQIAPN+, apresentando projetos de lei e participando de debates que visavam combater a homofobia, a transfobia e outras formas de discriminação. Jean Wyllys também foi um crítico contundente do discurso de ódio, enfrentando ameaças e ataques por sua postura firme em defesa da diversidade.

Erika Hilton, vereadora de São Paulo pelo PSOL, é uma das primeiras mulheres trans negras eleitas para um cargo legislativo no Brasil. Sua trajetória política é marcada pela luta contra o racismo, a LGBTFOBIA e a desigualdade social. Erika utiliza sua plataforma para promover políticas públicas que visam a inclusão e a proteção de pessoas LGBTQIAPN+, especialmente daquelas em situação de vulnerabilidade. Sua atuação tem sido fundamental para aumentar a visibilidade e a representação trans na política brasileira.

David Miranda, ex-vereador do Rio de Janeiro pelo PSOL e ex-deputado federal, foi um dos primeiros políticos assumidamente gay a ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados. Durante sua carreira política, ele foi um defensor dos direitos LGBTQIAPN+, dos direitos humanos e da liberdade de expressão. David também foi um crítico do discurso de ódio e da desinformação, trabalhando para promover a inclusão e a diversidade.

Benedita da Silva, deputada federal pelo PT-RJ, é uma das mais respeitadas figuras políticas do Brasil. Assumidamente bissexual, Benedita tem uma longa trajetória de luta pelos direitos das mulheres, da população negra e da comunidade LGBTQIAPN+. Ela tem sido uma voz importante no combate ao preconceito e na promoção de políticas públicas que visam a igualdade e a justiça social.

Fabiano Contarato, senador pelo ES do PT, é o primeiro senador assumidamente gay do Brasil. Ele tem utilizado sua posição para defender os direitos LGBTQIA+ e combater a discriminação e o discurso de ódio. Contarato também é um defensor dos direitos humanos e da justiça social, trabalhando para promover a inclusão e a diversidade em todas as esferas da sociedade.

Robeyoncé Lima, vereadora de Recife pelo PSOL, é uma das primeiras mulheres trans eleitas para um cargo legislativo no Brasil. Sua atuação política é marcada pela luta contra a transfobia, o racismo e a desigualdade social. Robeyoncé tem sido uma voz importante na defesa dos direitos LGBTQIA+ e na promoção de políticas públicas que visam à inclusão e a proteção de pessoas trans.

Essas personalidades políticas, entre muitas outras, têm desempenhado um papel crucial na luta contra o preconceito e o discurso de ódio no Brasil. Suas histórias e ações nos lembram da importância da visibilidade, da representação e da união na busca por um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Como afirma Judith Butler, filósofa e teórica de gênero, “a visibilidade é uma forma de poder” (Butler, 1990). A representação política de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil é um passo fundamental para a construção de uma sociedade que respeita e valoriza a diversidade.

A luta pelos direitos LGBTQIAPN+ no Brasil ainda enfrenta muitos desafios, mas a atuação dessas personalidades políticas demonstra que é possível avançar na direção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Como disse Audre Lorde, escritora e ativista negra e lésbica, “não são as diferenças que nos dividem, mas a incapacidade de reconhecer, aceitar e celebrar essas diferenças” (Lorde, 1984). A representação política de pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil é um passo fundamental para a construção de uma sociedade que respeita e valoriza a diversidade.

### **CAPÍTULO III**

#### **3.0 - A ANÁLISE: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO PODER E A EXCLUSÃO DE IDENTIDADES LGBTQIAPN+ EM SERMÕES RELIGIOSOS**

Em sermão proferido em 2 de julho de 2023, o pastor André Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha, expressou declarações veementes contra a comunidade LGBTQIA+ e o ativismo queer, atribuindo-lhes ausência de valores morais. As falas geraram repercussão pública desfavorável e resultaram na instauração de inquérito pelo Ministério Público Federal, conforme representações apresentadas por parlamentares em função de possíveis incitações ao ódio, que foi posteriormente arquivado.

Eu falo com vocês, Deus odeia o orgulho, Deus não tolera uma das palavras mais difíceis para Deus é orgulho, Deus odeia, Ele repugna qualquer atitude de orgulho, só o uso da palavra orgulho, Deus a condena, qualquer movimento ou qualquer ação na nossa vida que carrega o termo orgulho, Deus abomina, porque Deus não está com quem se orgulha, Deus está com quem se humilha então o mês do orgulho, eu considero que hoje é o mês que Deus mais repugna na humanidade, porque só a expressão orgulho é a expressão que mais provoca Deus, irrita Deus e Deus condena, Deus não está com os orgulhosos, Deus está com os humildes, então o que Jesus nos ensina é lavar os pés, é humilhar, o que Jesus ensina, o que o reino de Deus ensina é submeter, é prostrar, quem está pegando isso aqui comigo? João Calvino escreveu algo? O símbolo do orgulho na Bíblia é Lúcifer, o anjo que quis se comparar. Deus se

igualar a Deus, e a palavra mostra que Deus não tolerou Lúcifer, Deus não respeitou Lúcifer, Deus não amou Lúcifer, Deus expulsou Lúcifer do reino, Deus chutou Lúcifer dos céus, ele caiu como um relâmpago, ele foi colocado pra fora, porque Deus repugna o orgulho. Deus rejeita toda e qualquer forma de orgulho, e nesse mês onde se levanta a bandeira da aquilo que Deus mais odeia, que é o orgulho, nós precisamos nos humilhar sobre a poderosa mão de Deus. O orgulho de Lúcifer é ao ponto de dizer como se Deus tivesse errado, Deus errou, Deus errou, ele não é único, podem existir outros como ele, o orgulho te leva pra um lugar ao ponto de confrontar Deus, quem é Deus? Deus errou, eu que sou certo, eu não preciso de Deus, por isso Deus, ele repugna o orgulho, e hoje a gente vive uma agenda na mídia, uma agenda externa, onde marcas, bilionários, as redes sociais, elas levantam uma agenda muito forte, onde o não... Por isso Deus repugna o orgulho. Tiago capítulo 4, no versículo 6. A gente vai ler muita Bíblia aqui, amém, gente? Porque eu não estou aqui para dar minha opinião, eu estou aqui para ler a Bíblia para você. A posição de Deus em relação ao orgulho é clara. Vamos ler em voz alta? Concede graça maior. Por isso diz a Escritura, Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes. O orgulhoso, ele quer colocar a goela abaixo daquilo que ele acredita. O orgulhoso, ele fecha o coração para novas possibilidades. O orgulhoso, ele se coloca dentro de um movimento onde ele se vê superior. Onde ele se vê acima. Porque Deus odeia o orgulho. O coração da humanidade nunca vai se voltar para Deus. O homem, o ser humano por si só, não volta o seu coração para Deus. Marcos capítulo 7, versículos 21 ao 23. Palavras do nosso Senhor Jesus Cristo. Pois do interior do coração dos seres humanos, vem o quê? O que vem do coração do ser humano? Maus pensamentos. O que mais? Imoralidades sexuais. O que mais? Os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o ser humano impuro. Vocês não sabem que os perversos não herdarão o reino de Deus? Eu amo essa frase, essa pequena frase. Não se deixem enganar. Se tem coragem, fala pra quem está do teu lado. Não se deixe enganar. Diga mais alto, não se deixe enganar. Bata no teu coração e diga, não se deixe enganar. Olha só, nem imorais, nem imorais, não se deixem enganar. Nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros, herdarão o reino de Deus. Assim foram alguns de vocês, e eu me incluo nisso, mas vocês foram lavados, foram lavados, foram santificados, foram justificados, no nome do Senhor Jesus e no Espírito do nosso Deus. Vamos dar uma glória a Deus se você faz parte desse povo lavado pelo sangue de Jesus. Ele chega a dizer, não se deixe enganar, por quê? Porque tem pessoas que têm dito isso hoje. Não, eu não posso definir quem vai pro céu ou não. A minha preocupação aqui é porque hoje 57% da família cristã aceita o mês do orgulho. Hoje 57% da família evangélica e que se diz cristã não se opõe ao arco-irizinho nas lojas. 57% da família evangélica hoje trata com normalidade a prática do pecado da homossexualidade. Nós estamos falando que mais da metade desse auditório aqui não tem um sentimento ou uma atitude que diz é pecado, está errado e não vai pro céu. Eu preciso falar, eu preciso falar, sabe por quê? Porque isso provoca Deus. Eu preciso falar porque esse mês todos nós vamos falar e vamos apontar o pecado, vamos apontar o caminho da santidade, vamos apontar o caminho, por quê? Porque está entrando, está sujando, está destruindo aquilo que, preste atenção, Deus não destruiu a humanidade por causa de roubo, Deus não destruiu a humanidade por causa de assassinatos, Deus não destruiu a humanidade, quem tá pegando aqui, por causa de idolatria, Deus destruiu a humanidade por causa de imoralidade sexual. Tem uma frase muito conhecida que diz isso, para o crente, o inferno que ele vai experimentar é a terra. Para o incrédulo, o céu que ele vai experimentar é a terra. Levítico, capítulo 18, versículo 22. A palavra de Deus fala tudo, gente. Eu posso ouvir um amém aqui? (ouve-se ao fundo as pessoas dizerem “amém”) Olha só o que ele diz. Não se deite com um homem como se deita com uma mulher. É o quê? Repugnante. Não se deita com um homem como se deita com uma mulher. É repugnante. A palavra de Deus considera isso repugnante. E aí existe um outro ensino hoje que está envenenando a igreja, que é o ensino da empatia. Empatia. E você não tem ideia de como que dói meu coração pregar isso hoje. Mas não deveria doer. A igreja hoje, ela

se constringe em falar de pecado. A igreja americana hoje vive uma decadência onde o jovem na igreja americana usa drogas, usa álcool, se prostitui, homossexuais, não tem direção nem na política. Os pastores pregam sobre unicórnio nas nuvens. Deus fez as coisas de forma natural. Vou dar um exemplo. Os pássaros, por exemplo, quando você vê os pássaros, começa o inverno no norte, o que os pássaros fazem? Voam pro sul. É natural. É natural. É natural. Quando começou a esfriar, os pássaros se reúnem, se reúnem e eles saem do norte pro sul. Imagina você romper com uma naturalidade óbvia. Tá frio. Então os pássaros vão subir mais pro frio. Eles vão contra aquilo que é natural. Deus não criou Adão e outro Adão. Imagine Deus criar Adão e criou outro Adão e falar assim, multiplique-se. Agora multiplica. Não tem como. Deus não criou isso. Não faz parte do plano de Deus que é natural. É natural. Tudo que Deus faz é natural. Ele tem um ciclo. Ele tem uma forma. E o que se rompe nisso é promíscuo. É rebelião. É orgulho. Deus abomina. Quem tá pegando essa palavra comigo aqui? Deus criou. Tudo que Deus criou é claro. É óbvio. Você não precisa fazer força. O pé de laranja ele não faz força pra brotar laranja. Não faz força. É natural. Agora, imagine o pé de laranja. Eu quero brotar jabuticaba. Porque eu quero brotar jabuticaba. E eu vou fazer o que for pra eu ser jabuticaba. Eu serei uma jabuticaba. Não tem como. Deus não fez isso. Quem está lendo a Bíblia hoje? Portanto, não permitam que o pecado continue dominando os seus corpos mortais. Como que eu sei que o pecado está dominando o meu corpo? Fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos. Ah, mas se eu posso ser hétero, por que eu não posso ser homossexual? Não, eu não sou hétero porque é um desejo. É porque é natural. Não é sobre desejo. É natural.

Os trechos retirados do sermão do Pastor André Valadão refletem uma visão interpretativa de como o líder religioso quer destinar. O discurso um artefato de poder que usa a religião para reforçar hierarquias morais, excluindo identidades LGBTQIAPN+ através de uma leitura seletiva da Bíblia e uma retórica de medo. Sob a perspectiva de teólogos progressistas (como Marcella Althaus-Reid ou James Brownson), essa abordagem negligencia a justiça social e o princípio cristão central do amor ao próximo (Mateus 22:39). A crítica à empatia, em particular, revela uma resistência a teologias inclusivas que desafiam normas tradicionais em nome da dignidade humana.

### **3.1 - Discurso Religioso, Poder e Subjetivação: Uma Análise Crítica do Sermão Evangélico sobre o “Orgulho”**

O discurso religioso, especialmente em contextos evangélicos, não se limita a transmitir dogmas de fé, mas opera como um dispositivo de poder que regula corpos, define moralidades e produz subjetividades. O sermão evidenciado, condena o movimento LGBTQIAPN+ associando-o ao “orgulho de Lúcifer”, exemplifica como a linguagem religiosa constrói verdades, estabelece hierarquias e exclui identidades dissidentes. Para compreender esse fenômeno, recorre-se às teorias de “Michel Foucault”, “Judith Butler”, “Michel Pêcheux” e

“Eni Orlandi”, que permitem analisar como o discurso atua na produção de normas sociais e na marginalização de grupos considerados “abjetos”.

Foucault (1979) define dispositivo como um conjunto heterogêneo de discursos, instituições e práticas que produzem e controlam corpos e saberes. O sermão em questão funciona como um dispositivo religioso que estabelece uma verdade única. A Bíblia é apresentada como fonte inquestionável (*Eu não estou aqui para dar minha opinião, estou aqui para ler a Bíblia*), configurando um regime de verdade (FOUCAULT, 1977) que define o que é sagrado e profano. Ao associar o orgulho LGBTQIAPN+ a Lúcifer, o discurso “demoniza” identidades dissidentes, enquadrando-as como pecado e rebelião. Essa estratégia ecoa os processos históricos em que a sexualidade foi medicalizada e criminalizada. (FOUCAULT, 1976). A exortação “não peque para que não te aconteça coisa pior” reflete um mecanismo de controle pastoral (FOUCAULT, 1982), no qual a igreja assume o papel de guiar, vigiar e punir comportamentos. Dessa forma, o discurso religioso não apenas prescreve normas, mas produz sujeitos que internalizam essas regras como verdades naturais.

Judith Butler (1993) argumenta que gênero e sexualidade são performativos, ou seja, construídos através de repetições discursivas que naturalizam certas identidades enquanto excluem outras. O sermão opera nessa lógica, afirmações como “*Deus não criou Adão e outro Adão*” sustentam a “matriz heterossexual” (BUTLER, 1990), excluindo outras formas de existência. A declaração de que “*homossexuais não herdarão o reino de Deus*” enquadra essas identidades como repugnantes, um mecanismo de abjeção (BUTLER, 1993) que justifica sua exclusão social.

A crítica à empatia enganosa revela que o acolhimento é concedido apenas mediante arrependimento e assimilação à norma heterossexual. Assim, o discurso religioso não apenas condena, mas produz ativamente a marginalização de corpos e identidades que fogem ao padrão estabelecido.

### **3.1.2 Discurso e silenciamento: A Estrutura Binária do Sermão**

Pêcheux (1975) e Orlandi (2007) destacam que os discursos se organizam em oposições que naturalizam certos sentidos enquanto silenciam outros. O sermão constrói dicotomias como:

Orgulho (Lúcifer) x Humildade (Cristo)

Natureza (heterossexualidade) x Perversão (homossexualidade)

Essas oposições criam um efeito de evidência (PÊCHEUX, 1975), fazendo com que a interpretação religiosa pareça incontestável. Além disso, a recorrência a versículos bíblicos (Levítico 18:22, Romanos 1) reforça uma ilusão de transparência (ORLANDI, 2007), na qual a palavra divina é tomada como autoevidente, apagando disputas interpretativas. Outro mecanismo relevante é o silenciamento de vozes dissidentes: ao afirmar que 57% dos evangélicos aceitam o orgulho, o pastor constrói um inimigo interno, deslegitimando posições mais inclusivas dentro da própria igreja.

### **3.1.3- Biopolítica e a Regulação dos Corpos**

Foucault (1976) demonstra que o poder moderno não se limita à repressão, mas atua na gestão da vida (biopolítica) e o sermão exemplifica isso. Ao Tratar a homossexualidade como depravação mental ecoa discursos psiquiátricos do século XIX que patologizavam identidades LGBTQIA+. O uso de termos como “repugnante” e “odeio o pecado” incita aversão, legitimando a exclusão social. A promessa de morte eterna para LGBTQIAPN+ não apenas amedronta, mas naturaliza sua exclusão do espaço religioso e social. Dessa forma, o discurso religioso não é apenas sobre salvação espiritual, mas um instrumento de controle social que define quem merece pertencer e quem deve ser excluído.

A relação entre discurso, poder e exclusão social é um tema central na análise de práticas discursivas que reforçam normas e marginalizam grupos considerados desviantes. O trecho de um sermão proferido por um pastor, que condena práticas LGBTQIAPN+ e mobiliza seus fiéis a agirem contra o que ele considera uma ameaça moral, serve como um exemplo emblemático de como o poder é exercido para definir e controlar comportamentos sociais.

Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* (1975), argumenta que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, criando normas e regulando comportamentos. No discurso do pastor, o poder se manifesta na tentativa de estabelecer o que é “normal” e “aceitável” segundo uma interpretação religiosa específica. O pastor utiliza sua autoridade para definir o que é moralmente correto, reforçando uma visão heteronormativa e condenando práticas que fogem a essa norma. Foucault afirma que “o poder não é um atributo, mas uma relação” (FOUCAULT, 1975, p. 27), e essa relação é claramente observada no sermão, onde o

pastor exerce controle sobre os fiéis, incentivando-os a adotar uma postura ativa contra o que ele considera desvios morais.

A frase “*TÁ COM VOCÊ*” é um chamado à ação, transferindo a responsabilidade de “corrigir” o que ele vê como errado para a congregação. Esse mecanismo de poder disciplinar, descrito por Foucault como a capacidade de moldar comportamentos através de normas internalizadas, é evidente no discurso do pastor. Ele cria uma dicotomia entre o “certo” (heterossexualidade, família tradicional) e o “errado” (homossexualidade, expressões de gênero diversas), reforçando a ideia de que certos comportamentos são desviantes e precisam ser controlados. Elencado por Butler (2003) “As normas de gênero operam não apenas através da regulação explícita, mas também através da produção de sujeitos que internalizam e reproduzem essas normas, perpetuando assim a própria estrutura que os constrange.”

O conceito de enclausuramento, também discutido por Foucault em *História da Loucura* (1961), pode ser aplicado ao discurso do pastor, que busca delimitar espaços corpóreos, sociais e simbólicos para excluir ou marginalizar aqueles que não se encaixam na norma estabelecida. Sugere-se a clausura dentro dos próprios corpos, um amordaçamento de uma identidade de gênero que não seja condizente com aquela sugerida pela anatomia física corporal. O pastor utiliza termos como “absurdo” e “horroriza” para deslegitimar práticas como a exposição de corpos nus em paradas LGBTQIA+ e a presença de *drag queens* em salas de aula. Isso cria uma barreira simbólica entre o “nós” (os fiéis, os moralmente corretos) e o “eles” (os LGBTQIA+, os moralmente desviantes).

Foucault argumenta que o enclausuramento é uma forma de exclusão que não apenas marginaliza, mas também define a identidade daqueles que são excluídos. No discurso do pastor, a exclusão simbólica é reforçada pela menção à nudez e à sexualidade em contextos públicos, servindo para reforçar a ideia de que certos corpos e comportamentos são inaceitáveis e precisam ser regulados. Isso está alinhado com a noção de que o poder atua sobre os corpos, disciplinando-os e controlando-os.

A construção social da normalidade é um processo contínuo, reforçado por discursos e práticas que definem o que é aceitável e o que não é. No sermão analisado, o pastor trata a heterossexualidade como natural e normativa, enquanto a homossexualidade é apresentada como uma aberração que precisa ser corrigida. Essa naturalização da heteronormatividade é discutida por Judith Butler em *Problemas de Gênero* (1990), onde ela argumenta que a

heterossexualidade é performativamente construída como a norma através de repetidos atos discursivos e comportamentais.

Butler afirma que “a heterossexualidade é constantemente reforçada como a norma através de práticas discursivas que marginalizam e estigmatizam outras formas de sexualidade” (BUTLER, 1990, p. 17). No discurso do pastor, essa marginalização é evidente na retórica que descreve práticas LGBTQIAPN+ como “absurdas” e “horrorosas”, reforçando a ideia de que essas práticas são desviantes e precisam ser controladas.

Discursos como o do pastor podem ter um impacto significativo na vida de pessoas LGBTQIA+, contribuindo para a estigmatização, a discriminação e a violência. Além disso, eles reforçam estereótipos negativos e dificultam a aceitação e a inclusão social. A análise do discurso do pastor revela como o poder é exercido para definir e controlar normas sociais, excluindo e marginalizando aqueles que não se conformam a essas normas.

Em conclusão, o enclausuramento simbólico e a exclusão são estratégias utilizadas para manter uma visão específica de normalidade, que é constantemente reforçada por discursos religiosos e morais. É importante questionar e desafiar esses discursos, promovendo uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade. Como afirma Foucault, “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, 1975, p. 95), e essa resistência é essencial para desconstruir normas opressivas e promover a justiça social.

Michel Pêcheux, o precursor da Análise do Discurso (AD), enfatiza que os discursos não são neutros, mas estão sempre inseridos em relações de poder e ideologia. Como ele afirma, “As formações discursivas não são meramente conjuntos de enunciados, mas estão ligadas a posições ideológicas que determinam o que pode e o que não pode ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 57). No caso do discurso religioso, ele reflete uma disputa ideológica em torno de valores morais, religiosos e sociais, inserindo-se em uma formação discursiva conservadora que se opõe à normalização de práticas e de identidades LGBTQIAPN+.

O discurso opera a partir de uma lógica de exclusão, onde o “normal” é definido por padrões religiosos e tradicionais, enquanto o “anormal” é associado ao que foge desses padrões. Essa lógica é reforçada por estratégias retóricas que produzem efeitos de sentido específicos, como a associação da aceitação do casamento homoafetivo a consequências negativas, como a exposição de crianças a conteúdos considerados inadequados. Como observa Foucault (1988), “O poder não se exerce apenas através da repressão, mas também através da produção de normas que definem o que é normal e anormal” (p. 92).

Eni Orlandi, uma das principais teóricas da Análise do Discurso no Brasil, destaca a importância do contexto histórico e social na produção de sentidos. Ela enfatiza o papel da memória discursiva e dos processos de silenciamento. Como ela afirma, “A memória discursiva é sempre seletiva, privilegiando alguns sentidos e silenciando outros, de acordo com as relações de poder vigentes” (ORLANDI, 1999, p. 34). No discurso religioso analisado, há uma mobilização de uma memória religiosa e conservadora, que remete a valores tradicionais e à interpretação literal da Bíblia. Essa memória é usada para justificar a rejeição a mudanças sociais, como a aceitação do casamento homoafetivo.

Além disso, há um silenciamento das vozes LGBTQIAPN+ e de suas demandas por direitos e reconhecimento. Em vez de dialogar com essas perspectivas, o discurso às vezes reduz a uma caricatura, como a menção a *Drag Queens* em salas de aula, criando um estereótipo que serve para deslegitimar suas reivindicações. O discurso opera por paráfrase, repetindo ideias já consolidadas em grupos conservadores, e ignora a polissemia inerente ao debate, fechando-se em uma única interpretação possível.

Michel Foucault analisa como o poder se exerce através de discursos e práticas sociais, criando normas que definem o que é aceitável ou não em uma sociedade. No caso do discurso religioso, há um esforço de normalização, onde práticas e identidades LGBTQIA+ são vistas como desviantes e precisam ser controladas. Como Foucault argumenta, “A heteronormatividade opera através da naturalização da heterossexualidade como norma, excluindo e patologizando outras formas de desejo e identidade” (BUTLER, 2003, p. 45).

O discurso reflete um dispositivo de sexualidade, onde o poder se exerce para definir o que é “normal” ou “anormal”. A ocupação de espaços em diferentes âmbitos como salas de aula, por exemplo, é usada como um exemplo de algo que foge à norma e, portanto, deve ser rejeitado. Além disso, a referência a Deus e à Bíblia mostra como o poder pastoral é mobilizado para justificar a rejeição a mudanças sociais. O discurso coloca a igreja como guardiã da moralidade, responsável por “corrigir” os desvios.

O discurso religioso analisado reflete uma disputa ideológica em torno de valores morais, religiosos e sociais. Ele se insere em uma formação discursiva conservadora, mobilizando a memória religiosa e operando por silenciamento e estereótipos. A partir das teorias de Pêcheux, Orlandi e Foucault, é possível entender como esse discurso produz efeitos de sentido que reforçam normas heteronormativas e justificam a exclusão de práticas e identidades LGBTQIAPN+.

A análise do discurso religioso é um processo que envolve a investigação crítica de como a linguagem é utilizada para construir significados, transmitir ideologias e exercer poder. Para isso, é necessário delimitar o objeto de análise, como sermões ou textos sagrados, e contextualizá-lo historicamente e socialmente. Em seguida, identificam-se os elementos discursivos, como linguagem, temas e estratégias retóricas, e analisa-se como eles refletem e reforçam ideologias específicas, como o conservadorismo ou o fundamentalismo.

Além disso, é importante considerar a relação do discurso com seu público, observando como ele é recebido e interpretado, e realizar uma análise crítica, questionando os interesses em jogo e os impactos sociais do discurso, especialmente em relação a grupos marginalizados, como a comunidade LGBTQIAPN+. Essa abordagem permite desvendar como o discurso religioso pode ser usado tanto para legitimar práticas opressivas quanto para promover transformações sociais inclusivas.

O discurso apresentado pode ser analisado a partir das teorias de Michel Pêcheux, Eni Orlandi e Michel Foucault, que abordam questões relacionadas à linguagem, poder, ideologia e formação de sentidos. Michel Pêcheux, enfatiza que os discursos não são neutros, mas estão sempre inseridos em relações de poder e ideologia. O discurso em questão reflete uma disputa ideológica em torno de valores morais, religiosos e sociais. O discurso se insere em uma formação discursiva conservadora, que se opõe à normalização de práticas e identidades LGBTQIAPN+. Ele opera a partir de uma lógica de exclusão, onde o “normal” é definido por padrões religiosos e tradicionais, enquanto o “anormal” é associado ao que foge desses padrões. “O poder não se exerce apenas através da repressão, mas também através da produção de normas que definem o que é normal e anormal.” (FOUCAULT, 1988, p. 92). “A heteronormatividade opera através da naturalização da heterossexualidade como norma, excluindo e patologizando outras formas de desejo e identidade.” (BUTLER, 2003, p. 45). Sobre memória discursiva e silenciamento: “A memória discursiva é sempre seletiva, privilegiando alguns sentidos e silenciando outros, de acordo com as relações de poder vigentes.” (ORLANDI, 1999, p. 34).

Há uma referência ao discurso religioso (a Bíblia) como autoridade máxima para condenar práticas consideradas desviantes. Isso mostra como o discurso religioso é mobilizado para justificar posições contrárias ao casamento homoafetivo e à visibilidade LGBTQIAPN+. Isso cria uma cadeia de significados que liga a “porta aberta” ao casamento homoafetivo a um suposto declínio moral.

Em 2016, foi realizada mais uma edição do Congresso Diante do Trono, evento organizado pelo Ministério de Louvor Diante do Trono, da Igreja Batista da Lagoinha, liderado por Ana Paula Valadão, que oferece pregações, apresentação de canções e *workshops*. Em conversa com o cantor gospel Asaph Borba, no palco da Igreja da Lagoinha, Belo Horizonte (MG), com gravação em vídeo, divulgada pelo canal de TV da igreja, a Rede Super, a pastora e cantora afirmou:

Muita gente acha que isso é normal. Isso não é normal. Deus criou o homem e a mulher e é assim que nós cremos. Qualquer outra opção sexual é uma escolha do livre arbítrio do ser humano. E qualquer escolha leva a consequências. A Bíblia chama de qualquer escolha contrária ao que Deus determinou como ideal, como ele nos criou para ser, chama de pecado. E o pecado tem uma consequência que é a morte. Inclusive, tudo que é distorcido traz consequência naturalmente; nem é Deus trazendo uma praga ou um Juízo, não. Tá a AIDS para mostrar que a união sexual entre dois homens causa uma enfermidade que leva à morte, contamina as mulheres, enfim... Não é o ideal de Deus. <sup>1</sup>

A obra *Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar* (2023), da pesquisadora indígena Geni Nuñez, se opõe aos os sermões da pastora evangélica Ana Paula Valadão sobre o HIV. Enquanto a primeira propõe uma ética do cuidado radicalmente inclusiva, a segunda reproduz uma lógica colonial que transforma o afeto em instrumento de controle social.

O discurso religioso frequentemente opera como um mecanismo de normatização de corpos e comportamentos, estabelecendo o que é considerado “natural” ou “pecaminoso”. A seguinte fala, que afirma a heterossexualidade como “ideal divino” e associa outras expressões de sexualidade a “consequências naturais”, como a AIDS, revela uma rede de sentidos que articula poder, saber e controle social.

A obra *Descolonizando afetos* propõe uma reinvenção radical dos afetos a partir de perspectivas decoloniais, questionando as normas que definem quais corpos são dignos de amor e cuidado. Como cita em sua obra: “O amor, sob a lógica colonial, nunca é inocente: ele carrega consigo as amarras da moralidade cristã, da heteronormatividade e da higienização dos corpos que escapam ao projeto de pureza.” (NUÑEZ, 2023, p. 45).

---

<sup>1</sup> BERÉIA, Coletivo. **Pastora e cantora evangélica Ana Paula Valadão é condenada por falas públicas discriminatórias contra pessoas LGBTQIA+**. *Coletivo Beréia*, [S.l.], dd mmm. aaaa. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/pastora-e-cantora-evangelica-ana-paula-valadão-e-condenada-por-falas-publicas-discriminatorias-contras-pessoas-lgbtqia>. Acesso em: 3 jul. 2025.

Em contraste, a pregação da pastora evangélica Ana Paula Valadão sobre o HIV – que, em certos contextos, associa a doença a uma "consequência do pecado" – reforça uma moralidade que criminaliza afetos dissidentes. O paradoxo intercala enquanto a religião se afirma como portadora de “amor incondicional”, ela impõe condições para esse amor, enquanto a teoria decolonial, vista como “subversiva”, é que pratica uma afetividade verdadeiramente inclusiva.

Ana Paula Valadão, em falas públicas, já sugeriu que o HIV seria resultado de “desvios da vontade de Deus”, reproduzindo uma narrativa evangélica que: Transforma uma questão de saúde pública em juízo moral, ignorando as condições estruturais (pobreza, racismo, LGBTfobia) que tornam certos grupos mais vulneráveis; Condiciona o afeto cristão à obediência, criando uma hierarquia de corpos “merecedores” de compaixão; Naturaliza o sofrimento de quem foge da norma, como se a doença fosse um “ajuste divino”. “*Deus não erra. Se há consequências, é porque há desobediência*” (VALADÃO, declaração em culto, 2019).

Nuñez (2023) demonstra como a colonialidade não se limita à dominação territorial, mas se estende à regulação dos afetos, criando hierarquias de corpos “dignos” ou “indignos” de cuidado. Essa estrutura é claramente observável nos discursos religiosos que associam o HIV ao pecado, como nas falas de Valadão: ao enquadrar a doença como “consequência da desobediência divina”, ela não apenas medicaliza, mas moraliza os corpos soropositivos, especialmente aqueles já marginalizados pela *queerfobia* e pelo racismo.

A pesquisadora indígena argumenta que “o amor, sob a lógica colonial, nunca é inocente: ele carrega consigo as amarras da moralidade cristã, da heteronormatividade e da higienização dos corpos que escapam ao projeto de pureza” (NUÑEZ, 2023, p. 45). Essa afirmação expõe o cerne do problema: a religião, em vez de acolher, opera como um sistema de vigilância afetiva, determinando quem merece compaixão e quem deve ser punido.

Como a autora afirma, “amar, em uma perspectiva decolonial, é resistir à ideia de que alguns corpos merecem menos cuidado” (NUÑEZ, 2023, p. 89). Essa visão não apenas desmonta o estigma do HIV, mas questiona a própria noção de que o afeto pode ser um privilégio para poucos. Valadão representa uma teologia que condena para (talvez) depois redimir, oferecendo cuidado apenas àqueles que se submetem a um código moral específico. Nuñez, por outro lado, constrói uma política afetiva que acolhe para libertar, recusando qualquer hierarquia de humanidade. Essa divergência revela que o projeto colonial-religioso

não está interessado em amor verdadeiramente incondicional, mas em amor como mecanismo de assimilação. Enquanto isso, a perspectiva decolonial – muitas vezes acusada de “radical” – é que pratica o que o cristianismo apenas prega: o acolhimento sem exigências.

A epidemia de HIV não é apenas uma crise de saúde, mas um espelho que reflete as contradições de nossa sociedade. Enquanto Ana Paula Valadão insiste em ver o vírus como castigo, Geni Nuñez lembra que o verdadeiro problema nunca foi a doença, mas o estigma que a acompanha. A escolha entre esses dois projetos não é teórica, mas existencial: queremos um mundo que culpe para depois (talvez) curar, ou um que acolhe para transformar? Se o cristianismo insistir em patologizar corpos em vez de combater a exclusão, continuará sendo cúmplice não do HIV, mas da violência que mata muito antes do vírus. Como Nuñez (2023) provoca: “Nossos afetos foram chamados de doença, pecado, perversão. Mas e se forem, na verdade, a cura para o mundo que o colonialismo adoeceu?” (p. 202). A resposta a essa pergunta definirá não apenas políticas públicas, mas a própria possibilidade de um futuro onde o amor seja, finalmente, para todos.

A resistência através da arte decolonial se apresenta em diferentes vertentes, a tão emblemática clemência realizada pela Bispa Mariann Edgar Budde, dirigiu-se ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em sermão durante um culto ecumênico de celebração à sua posse na Catedral Nacional de Washington na 3ª feira (21.jan.2025). O discurso alarde os momentos de grandes tensões e desafios da comunidade em relação aos discursos de ódio proferidos por meios políticos:

A cultura do desprezo se tornou normalizada neste país, ameaça nos destruir, todos nós somos bombardeados diariamente com mensagens do que os sociólogos agora chamam de o complexo social industrial da indignação. Parte disso é impulsionada por forças externas cujos interesses são favorecidos por uma América polarizada. O desprezo alimenta campanhas políticas e as redes sociais, e muitos lucram com isso. Mas é uma maneira preocupante e perigosa de conduzir um país. Eu sou uma pessoa de fé, cercada de pessoas de fé. E com a ajuda de Deus, acredito que a unidade neste país é possível. Não perfeitamente, pois somos pessoas imperfeitas, e uma união imperfeita. O suficiente para nos mantermos acreditando e trabalhando para realizar os ideais dos Estados Unidos da América, ideais expressos na Declaração de Independência com sua afirmação da igualdade e dignidade humanas inatas. E estamos certos em orar pela ajuda de Deus enquanto buscamos a unidade, pois precisamos da ajuda dele, mas se apenas se nós mesmos estivermos dispostos a cuidar dos alicerces sobre os quais a unidade depende. Como a analogia de Jesus de construir uma casa de fé sobre a rocha de seus ensinamentos, em vez de construir uma casa sobre a areia, os alicerces que precisamos para a unidade devem ser fortes o suficiente para resistir às muitas tempestades que a ameaçam. E então, quais são esses alicerces? Os alicerces da Unidade? Baseado em nossas tradições e textos sagrados, dizem-me sugerir que existem pelo menos três. O primeiro alicerce para a unidade, é honrar a dignidade inerente de cada ser humano, que, como todas as religiões representadas

aqui afirmam, é o direito de nascimento de todas as pessoas como filhos do nosso único Deus. No discurso político, honrar a dignidade do outro significa se recusar a zombar, desconsiderar ou demonizar aqueles com quem discordamos, escolhendo, em vez disso, debater nossas diferenças com respeito e, sempre que possível, buscar um terreno comum. E se o terreno comum não for possível, a dignidade exige que permaneçamos fiéis às nossas convicções, sem desprezo por aquele que têm convicções próprias. O segundo alicerce para a unidade é a honestidade, tanto na conversa privada quanto no discurso público. Se não estivermos dispostos a sermos honestos, não há sentido em orar pela unidade, porque nossas ações trabalham contra as próprias orações. Podemos, por um tempo, experimentar uma falsa sensação de unidade entre alguns, mas não a unidade mais sólida e ampla que precisamos para enfrentar os desafios que temos pela frente. Agora, para ser justa, nem sempre sabemos onde está a verdade, e há muito que trabalha contra a verdade neste momento. Mas quando soubermos o que é a verdade, é nossa responsabilidade falar a verdade, mesmo quando, especialmente quando, isso nos custa. O terceiro e último alicerce que mencionarei hoje, fundação para unidade, é a humildade que todos precisamos, porque somos todos seres humanos falhos. Cometemos erros. Dizemos e fazemos coisas das quais mais tarde nos arrependemos. Temos nossos pontos cegos e nossos preconceitos e, talvez, somos mais perigosos para nós mesmos e para os outros quando estamos totalmente convencidos de que estamos absolutamente certos e para outras pessoas estejam absolutamente erradas. Porque, então, estamos apenas alguns passos de nos rotularmos como as boas pessoas contra as más pessoas, e a verdade é que somos todos pessoas, ambos capazes de fazer o bem e o mal. Alexander Solzhenitsyn uma vez observou com grande perspicácia a linha que separa o bem e o mal, não passa pelos estados, não passa entre as classes, nem entre os partidos políticos, mas atravessa o coração de todo ser humano, de todos os corações humanos. E quanto mais percebemos isso, mais espaço temos dentro de nós para humildade e abertura um para o outro, além das nossas diferenças, porque de fato, somos mais parecidos uns com os outros do que imaginamos, e precisamos uns dos outros. A unidade é relativamente fácil de orar em ocasiões de grande solenidade. É muito mais difícil de realizar quando estamos lidando com diferenças reais em nossas vidas privadas e na arena pública. Mas, sem unidade, estamos construindo a casa da nossa nação sobre areia. Com um compromisso com a unidade e transcende o desacordo e com os alicerces sólidos de dignidade, honestidade e humildade que tal unidade exige, podemos fazer nossa parte e, no nosso tempo, realizar os ideais e o sonho da América. Deixe-me fazer um apelo final, Sr. Presidente. Milhões confiaram em você. E, como você disse à nação ontem, sentiu a mão providencial de um Deus amoroso. Em nome de nosso Deus, tenha misericórdia do povo em nosso país que está com medo agora. Existem crianças gays, lésbicas e transgêneros em famílias democratas, republicanas e independente. Algumas que temem por suas vidas. E as pessoas que colhem nossas colheitas e limpam nossos prédios de escritórios, que trabalham em fazendas de aves e matadouro, que lavam os pratos depois que comemos nos restaurantes e trabalham os turnos da noite nos hospitais. Elas podem não ser cidadãs ou ter a documentação adequada, mas a grande maioria dos imigrantes não é criminoso. Elas pagam impostos e são bons vizinhos. São membros fiéis de nossas igrejas, mesquitas, sinagogas, wadaras e templos. Peço-lhe, Sr. Presidente, que tenha misericórdia daquelas pessoas em nossas comunidades cujos filhos temem que seus pais sejam levados, e que ajude aqueles que estão fugindo de zonas de guerra e perseguições em suas terras a encontrar compaixão e acolhimento aqui. Nosso Deus nos ensina que devemos ser misericordiosos com o estrangeiro, pois todos já fomos estrangeiros nesta terra. Que Deus nos conceda a força e a coragem para honrar a dignidade de todo ser humano, para falar a verdade uns com os outros em amor e caminhar humildemente uns com

os outros e com nosso Deus, para o bem de todas as pessoas, o bem de todos nesta nação e no mundo. Amém.<sup>2</sup>

O sermão da Bispa Mariann Edgar Budde durante a posse de Donald Trump em 2025 constitui um ato de resistência decolonial através da arte retórica religiosa, articulando uma crítica contundente ao uso político do medo, à necropolítica estatal e à normalização do preconceito. Analisando seu discurso a partir de teorias críticas, é possível desvendar como ele confronta as estruturas de poder hegemônico e propõe uma ética da unidade baseada na dignidade, honestidade e humildade.

A Bispa denuncia a “cultura do desprezo” e o “complexo social industrial da indignação”, conceitos que remetem à economia política das emoções (AHMED, 2004) e à sociedade de risco (BECK, 1992). Ela expõe como o medo é comoditizado para sustentar a polarização: “*O desprezo alimenta campanhas políticas e as redes sociais, e muitos lucram com isso*”.

Essa crítica alinha-se com a noção de “biopoder” (FOUCAULT, 1976), no qual o Estado gerencia populações através de discursos de ameaça. A menção a “crianças LGBTQIAPN+ que temem por suas vidas” revela como a política trumpista operou uma “tanatopolítica” (MBEMBE, 2003), decidindo quais corpos merecem proteção e quais podem ser descartados.

Ao desafiar a narrativa oficial, a Bispa constrói um “contra-discurso” (FOUCAULT, 1971) que desmonta a apropriação do cristianismo pelo projeto nacionalista branco. Sua fala ecoa a “teologia da libertação” (GUTIÉRREZ, 1971), que entende a fé como ferramenta de emancipação: “Honrar a dignidade inerente de cada ser humano [...] é o direito de nascença de todas as pessoas como filhos do nosso único Deus.” Essa afirmação confronta diretamente a teologia do domínio (WHITE, 2017), corrente que justificou o apoio evangélico a Trump com base em um projeto de poder autoritário.

A criminalização de imigrantes e a demonização de dissidentes políticos no discurso trumpista refletem o que Freire (1970) chamou de “pedagogia do oprimido”, na qual a desumanização sustenta a dominação. A Bispa desmonta essa lógica ao afirmar: “A grande maioria dos imigrantes não é criminosa. Elas pagam impostos e são bons vizinhos.”

---

<sup>2</sup> PODER360. **Assista o discurso crítico que a bispa de Washington fez a Trump** [vídeo online]. YouTube, 23 jan. 2025. 9 min 15 s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uMNxTYEuaKQ>. Acesso em: 3 mar. 2025.

Sua abordagem interseccional (CRENSHAW, 1989) revela como LGBTQIAPN+, trabalhadores precarizados e imigrantes são alvos de um mesmo sistema de opressão. O sermão propõe três alicerces para a unidade: dignidade, honestidade e humildade, que funcionam como antídotos ao fascismo social (ŽIŽEK, 2018). A citação de Solzhenitsyn – “*a linha entre o bem e o mal passa pelo coração de cada ser humano*” – desestabiliza o maniqueísmo político, expondo a falácia do nós contra eles que sustenta regimes autoritários.

O discurso da Bispa Budde transcende o religioso, tornando-se um manifesto decolonial (MIGNOLO, 2011). Seu apelo final – “*tenha misericórdia*” – é menos uma súplica a Trump e mais uma convocação à ação coletiva, performatizando (AUSTIN, 1962) a resistência.

Foucault (1988) demonstra que os discursos não apenas descrevem a realidade, mas a produzem, atuando como instrumentos de poder. A afirmação “Deus criou o homem e a mulher” não é um simples relato bíblico, mas um dispositivo de normalização que exclui outras possibilidades identitárias. Como afirma Foucault (1976): “O poder não apenas proíbe, mas também produz saberes e verdades que se tornam regras de conduta.” A associação entre homossexualidade e AIDS ecoa a medicalização dos prazeres (FOUCAULT, 1976), em que discursos religiosos e pseudocientíficos se fundem para patologizar comportamentos. Não por acaso, a epidemia de AIDS nos anos 1980 foi estigmatizada como “peste gay”, reforçando a ideia de que práticas homoafetivas seriam “contra a natureza”, uma estratégia biopolítica para controlar corpos (FOUCAULT, 2008).

Eni Orlandi (2012) enfatiza que os sentidos são construídos em formações discursivas (FD) específicas. O trecho analisado pertence a uma FD religiosa conservadora, que: a) estabelece uma memória discursiva; b) repete argumentos históricos (como a condenação de Sodoma e Gomorra) para validar sua autoridade e ignora interpretações teológicas inclusivas (como as de teólogos *queer*). Já Pêcheux (1997) mostra como a ideologia opera por efeitos de evidência: “O discurso dominante faz parecer que suas verdades são óbvias, apagando os conflitos que as produziram.” Quando o enunciador diz “é assim que nós cremos”, ele naturaliza sua perspectiva, como se não houvesse disputas interpretativas dentro do próprio cristianismo. Além disso, a noção de “livre arbítrio” é ressignificada: em vez de autonomia, vira responsabilização individual (“qualquer escolha leva a consequências”), reforçando a culpa sobre sujeitos LGBTQIAPN+. O discurso religioso não existe no vácuo: dialoga com outros campos (médico, jurídico) para manter seu poder.

A menção à AIDS como “prova” das “consequências do pecado” exemplifica o interdiscurso (ORLANDI, 2012), em que um saber (a teologia) se apropria de outro (a medicina) para legitimar preconceitos. Associar HIV/AIDS à homossexualidade reforça estereótipos que prejudicam políticas públicas de prevenção (PARKER, 1991). A ideia de “pecado” justifica discriminações, desde agressões verbais até crimes de ódio (BUTLER, 2004). Como lembra Foucault (1984), “não há discurso inocente”, todo enunciado é político. Desconstruir essas narrativas é essencial para contestar violências naturalizadas e ampliar espaços de inclusão.

Tomem-se como exemplo as falas homofóbicas proferidas pelo pastor David Eldridge no Congresso Evangélico União das Mocidades das Assembleias de Deus em Brasília. Durante o congresso, o pastor proferiu a seguinte fala, segundo consta nos autos: “Todo homossexual tem uma reserva no inferno, toda lésbica tem uma reserva no inferno, todo transgênero tem uma reserva no inferno, todo bissexual tem uma reserva no inferno.”

De acordo com reportagem veiculada pelo portal de notícias G1<sup>3</sup>, em 2022 o pastor Sérgio José Lima da Silva, líder da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no município de Caaporã, região metropolitana de João Pessoa (PB), proferiu declarações de cunho homofóbico durante um culto realizado no início de fevereiro do mesmo ano. Na ocasião, afirmou que “o espírito santo vai pegar os gays”, utilizando expressões como “Tu és coca ou fanta. Hoje Jeová vai pegar as cocas e transformar em fanta. O espírito santo vai ‘pegar’ os gays: tu és macho, rapaz”, conforme consta na portaria de instauração de inquérito da Promotoria de Justiça de Caaporã, segundo a reportagem. A repercussão das falas resultou em um acordo extrajudicial entre o pastor, a Igreja e o Ministério Público da Paraíba, evitando, assim, o ajuizamento de uma ação judicial. A medida foi divulgada em 20 de junho de 2022.

A fala do pastor Sérgio José Lima da Silva “O espírito santo vai pegar os gays” , proferida em um culto na Assembleia de Deus de Caaporã (PB), não é um caso isolado, mas um exemplo emblemático de como a linguagem religiosa é instrumentalizada para promover violência simbólica contra pessoas LGBTQIAPN+. A referida pesquisa analisa criticamente esse fenômeno, articulando três eixos centrais:

1. A construção discursiva da heteronormatividade como projeto divino;

---

<sup>3</sup> GLOBO.COM. Após pastor dizer que “espírito santo vai pegar os gays”, igreja firma acordo com MP para se retratar por homofobia [online]. G1 Paraíba, 20 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/10/20/apos-pastor-dizer-que-espírito-santo-vai-pegar-os-gays-igreja-firma-acordo-com-mp-para-se-retratar-por-homofobia.ghtml>. Acesso em: 8 jan. 2025.

2. A homofobia religiosa como mecanismo de controle biopolítico;
3. A impunidade institucional e a naturalização da violência.

Para tanto, recorre-se aos aportes teóricos de Judith Butler (1990), Michel Foucault (1976) e Pierre Bourdieu (1989), demonstrando como o discurso pastoral não apenas reflete, mas ativas estruturas de opressão. A declaração do pastor Sérgio José, “Tu és coca ou fanta. Hoje Jeová vai pegar as cocas e transformar em fanta”, expõe a lógica binária e excludente que sustenta a visão evangélica sobre sexualidade. Essa metáfora opera em três níveis: a patologização da homossexualidade: ao comparar pessoas gays a um “refrigerante errado”, o discurso às coloca em um lugar de desvio a ser corrigido, reforçando a noção de que a heterossexualidade é a única orientação “natural” (BUTLER, 1990). Justificativa para terapias de conversão: A ideia de “transformação” ecoa práticas amplamente condenadas por organismos internacionais (OMS, ONU), que as classificam como tortura (CIDH, 2018). Apagamento da diversidade: A dicotomia Coca/Fanta ignora a pluralidade de identidades LGBTQIA+, reduzindo-as a um “problema” a ser resolvido. Como afirma Butler (1993), a violência começa quando certas vidas são consideradas menos “vivíveis”. Nesse sentido, o pastor não está apenas pregando; está delimitando quais corpos merecem existir.

A afirmação “O espírito santo vai pegar os gays” não é uma mera figura de linguagem, mas um ato de violência simbólica (BOURDIEU, 1989) que: ao sugerir que pessoas LGBTQIA+ precisam ser “capturadas” e “transformadas”, o discurso às coloca em um lugar de ameaça permanente, justificando sua marginalização. Pesquisas mostram que 62% das agressões contra LGBTQIAPN+ no Brasil têm motivação religiosa (Grupo Gay da Bahia, 2023). Jovens LGBTQIAPN+ expostos a discursos religiosos homofóbicos têm 3 vezes mais risco de suicídio (*Trevor Project*, 2023).

Foucault (1976) já demonstrava que o poder não age apenas pela repressão, mas pela produção de verdades. Ao declarar que homossexuais são “alvos do espírito santo”, o pastor os transforma em corpos dóceis, internalizando a culpa e a autonegação. A relação entre discurso, poder e exclusão social é um tema central na análise de práticas discursivas que reforçam normas e marginalizam grupos considerados desviantes. O trecho de um sermão proferido por um pastor, que condena práticas LGBTQIAPN+ e mobiliza seus fiéis a agirem contra o que ele considera uma ameaça moral, serve como um exemplo emblemático de como o poder é exercido para definir e controlar comportamentos sociais.

Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* (1975) argumenta que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, criando normas e regulando comportamentos. No discurso do pastor, o poder se manifesta na tentativa de estabelecer o que é "normal" e "aceitável" segundo uma interpretação religiosa específica. O pastor utiliza sua autoridade para definir o que é moralmente correto, reforçando uma visão heteronormativa e condenando práticas que fogem a essa norma. Foucault afirma que "o poder não é um atributo, mas uma relação" (FOUCAULT, 1975, p. 27), e essa relação é claramente observada no sermão, onde o pastor exerce controle sobre os fiéis, incentivando-os a adotar uma postura ativa contra o que ele considera desvios morais.

A frase "TÁ COM VOCÊ" é um chamado à ação, transferindo a responsabilidade de "corrigir" o que ele vê como errado para a congregação. Esse mecanismo de poder disciplinar, descrito por Foucault como a capacidade de moldar comportamentos através de normas internalizadas, é evidente no discurso do pastor. Ele cria uma dicotomia entre o "certo" (heterossexualidade, família tradicional) e o "errado" (homossexualidade, expressões de gênero diversas), reforçando a ideia de que certos comportamentos são desviantes e precisam ser controlados. Elencado por Butler (2003) "As normas de gênero operam não apenas através da regulação explícita, mas também através da produção de sujeitos que internalizam e reproduzem essas normas, perpetuando assim a própria estrutura que os constrange."

O discurso religioso analisado reflete uma disputa ideológica em torno de valores morais, religiosos e sociais. Ele se insere em uma formação discursiva conservadora, mobilizando a memória religiosa e operando por silenciamento e estereótipos. A partir das teorias de Pêcheux, Orlandi e Foucault, é possível entender como esse discurso produz efeitos de sentido que reforçam normas heteronormativas e justificam a exclusão de práticas e identidades LGBTQIAPN+. Além disso, ele ilustra como o poder se exerce através de discursos que definem o que é aceitável ou não em uma sociedade, criando hierarquias e marginalizando aqueles que fogem às normas estabelecidas.

Foucault argumenta que a sexualidade é um campo de disputa política, onde o poder se exerce para definir o que é "normal" ou "anormal". O discurso em questão tenta reforçar uma visão heteronormativa, onde o casamento e as relações afetivas devem seguir um modelo tradicional. A referência a Deus e à Bíblia mostra como o poder pastoral (aquele que guia e controla os indivíduos através de normas morais e religiosas) é mobilizado para justificar a

rejeição a mudanças sociais. O discurso coloca a igreja como guardiã da moralidade, responsável por “corrigir” os desvios.

O discurso analisado reflete uma disputa ideológica em torno de valores morais, religiosos e sociais. Ele se insere em uma formação discursiva conservadora, mobilizando a memória religiosa e operando por silenciamento e estereótipos. A partir das teorias de Pêcheux, Orlandi e Foucault, é possível entender como esse discurso produz efeitos de sentido que reforçam normas heteronormativas e justificam a exclusão de práticas e identidades LGBTQIAPN+. Além disso, ele ilustra como o poder se exerce através de discursos que definem o que é aceitável ou não em uma sociedade, criando hierarquias e marginalizando aqueles que fogem às normas estabelecidas.

A análise demonstra que o sermão evangélico não é um mero pronunciamento religioso, mas um dispositivo de poder que produz subjetividades, reforça hierarquias e exclui identidades dissidentes. No entanto, como lembra Butler (1997), onde há poder, há resistência. A existência de teologias *queer*, movimentos LGBTQIAPN+ cristãos e reinterpretações inclusivas da Bíblia mostra que nenhum regime de verdade é absoluto. A disputa pelo sentido de “natureza”, “orgulho” e “pecado” permanece aberta, evidenciando que o discurso religioso é, acima de tudo, um campo de lutas políticas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, conseguimos examinar como a palavra religiosa e suas ideologias relacionadas podem ser usadas instrumentalmente para promover ódio e exclusão contra populações LGBTQIAPN+. Da mesma forma, a inter-relação entre religião, poder e discurso é complexa, pois em muitas tradições religiosas a prática do amor, compaixão e respeito pelos outros faz parte de suas pregações, mas essas interpretações e sua utilização política reforçam estereótipos, preconceitos e práticas discriminatórias à medida que são utilizadas para controlar corpos.

Quando o discurso de ódio é legitimado pelas argumentações da religião ou ideologia, ele não apenas constrói posições de sujeito marginalizadas e grupos ou categorias, e legitima a violência simbólica e física; ele também contribui para sua perpetuação. A comunidade LGBTQIAPN+, que tem sido estigmatizada especialmente nas religiões, luta para expressar sua identidade no contexto desfavorável e muitas vezes desumano de uma sociedade dominada por discursos religiosos dominantes.

Infelizmente, nem todo discurso religioso é homogêneo ou por natureza opressivo. Muitas tradições religiosas e guias espirituais adotaram uma postura pró-inclusão e aceitação de toda a gama emocional e sexual, mostrando que também há uma opção religiosa e potencial para mudança social. A própria heterogeneidade dessas leituras destaca a necessidade de uma análise crítica dos discursos religiosos que proíbem qualquer tipo de generalização.

Tal paradoxo dos sermões de líderes de igrejas neopentecostais alimentou parte desta dissertação, inspirada no livro "*Decolonizing Affections: Experimentations on Other Ways of Loving*" (NUÑEZ, em 2023), de Geni Nuñez, e nos discursos religiosos neopentecostais sobre confinamento, poder, manipulação, HIV e LGBTQIAPN+ (Sigla que norteou a forma de escrever sobre as letrados que compõem o arco-íris - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e queers, Intersexos, Assexuais, Pan e Pernambucanos) feitos por vozes como Ana Paula Valadão e Pastor André Valadão.

A partir das teorias de Michel Foucault, Judith Butler, Michel Pêcheux e Eni Orlandi, revelou-se que o discurso religioso funciona como um aparato de poder que regula corpos, determina moralidades e exclui identidades dissidentes, enquanto a teoria decolonial de Nuñez traz noções de uma reinvenção radical dos afetos, por questionar as normas coloniais que hierarquizam a humanidade.

Este discurso religioso que foi analisado reproduziu uma lógica colonial que patologiza corpos LGBTQIAPN+ e interrompe o HIV com "punição divina", perpetuando um estigma que tem efeitos materiais na vida de pessoas que já são marcadas por violência e privação. Em vez disso, Nuñez (2023) propõe um ethos de cuidado que poderia ser não punitivo, que desestabiliza a ideia de que alguns afetos são "legítimos" e outros "abjetos" (fragmento também citado por Orlandi).

Sermões evangélicos são instrumentos de controle biopolítico (FOUCAULT, 1976), produzindo sujeitos culpados e negação de si mesmos de forma desenfreada. A reformulação da homossexualidade em relação à AIDS não é apenas uma condenação moral, é também uma manobra estratégica para naturalizar a exclusão e policiar atos sexuais através da realização de condenações e estigmas em lugares sagrados de tabus religiosos.

Se a retórica religiosa de direita proclama a exclusão, teologias queer e movimentos LGBTQIAPN+ contrapõem leituras resistivas e inclusivas da Bíblia e espaços de acolhimento. O trabalho de Nuñez é um exemplo de teoria decolonial fornecendo ferramentas para a desconstrução dessas normas opressivas.

Qual é a relação entre raça, classe e gênero nos discursos de sexualidade religiosa? Trabalhos futuros poderiam investigar as maneiras pelas quais a homofobia religiosa impacta diferencialmente corpos racializados (negros, indígenas e periféricos) que já estão expostos a múltiplas formas de violência estrutural.

Este estudo mostrou que o discurso religioso não é um discurso neutro, pois é um discurso produtor de verdade, disciplinador de corpos e excludente de identidades. No entanto, como ilustram Nuñez (2023) e movimentos cristãos LGBTQIAPN+, existem resistências que se opõem a essas normas. O desafio intelectual e político é elevar essas vozes, questionando os fundamentos teológicos da exclusão e as estruturas político-econômicas (coloniais) que as sustentam.

Por um lado, o neopentecostalismo brasileiro tem sido um ator-chave na disseminação do ódio, mas, por outro lado, a teoria decolonial e os movimentos queer revelam a possibilidade de um futuro em que o afeto seja menos um privilégio e mais um direito para todos. Como Nuñez (2023) provocativamente questionou: "E se a cura para o mundo que o colonialismo adoeceu estiver, de fato, em nossos afetos?" (p. 202).

Responder a esta pergunta envolverá não apenas novas pesquisas, mas uma dedicação ética à justiça social. Este trabalho está longe de estar concluído, mas, pelo menos, abre caminho

para outras investigações que questionem as estruturas de poder que continuam a dominar a sociedade brasileira. A academia tem a responsabilidade de amplificar vozes silenciadas e desafiar as normas que matam, não por vírus, mas por estigma.

## REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **A política cultural das emoções**. Tradução de Renata Guerra e Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1998.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Ces mots qui ne vont pas de soi: Boucles réflexives et non-coïncidences du dire**. Paris: Larousse, 1995.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **The Dialogic Imagination: Four Essays**. Austin: University of Texas Press, 1981.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1966.

BERÉIA, Coletivo. **Pastora e cantora evangélica Ana Paula Valadão é condenada por falas públicas discriminatórias contra pessoas LGBTQIA+**. *Coletivo Beréia*, [S.l.], dd mmm. aaaa. Disponível em: <https://coletivobereia.com.br/pastora-e-cantora-evangelica-ana-paula-valadao-e-condenada-por-falas-publicas-discriminatorias-contra-pessoas-lgbtqia>. Acesso em: 3 jul. 2025.

BÍBLIA SAGRADA. **Almeida Corrigida e Revisada Fiel**. Barueri: Sociedade Bíblica Trinitariana, 1995.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. **Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura**. Barcelona: Gedisa, 1998.

BOSWELL, John. **Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

BUTLER, Judith. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. New York: Routledge, 1997.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours politique: Les masques du pouvoir**. Paris: Vuibert, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra à antidiscriminação, à teoria feminista e às políticas antirracistas**. Tradução de Lívia de Souza Lima. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 1, e78310, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n178310>. Acesso em: 15 jul. 2025.

COSTAS, Osvaldo. **O pecado e a salvação na América Latina**. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

DIAS, Maria Berenice. **A família e as questões de gênero**. 5. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

DUBERMAN, Martin. **Stonewall**. New York: Penguin Books, 1993.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução de Antônio M. P. Viana. 15. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1961.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GLOBO.COM. **Após pastor dizer que “espírito santo vai pegar os gays”, igreja firma acordo com MP para se retratar por homofobia** [online]. G1 Paraíba, 20 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/10/20/apos-pastor-dizer-que-espírito-santo-vai-pegar-os-gays-igreja-firma-acordo-com-mp-para-se-retratar-por-homofobia.ghtml>. Acesso em: 8 jan. 2025.

GREEN, James N. **Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2013.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du sens**. Paris: Seuil, 1970.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões: Dos estados de coisas aos estados de alma**. São Paulo: Ática, 1991.

HALL, Stuart. **Representação: Representações Culturais e Significantes Práticos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 1996.

KENNEDY, Hubert. **Ulrichs: The Life and Works of Karl Heinrich Ulrichs, Pioneer of the Modern Gay Movement**. Jefferson: McFarland, 2014.

LANDOWSKI, Eric. **Les interactions risquées**. Limoges: Pulim, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. Trumansburg: Crossing Press, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **Analyser les textes de communication**. Paris: Dunod, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 1846.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo, 1867.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENZIES, William W. **O batismo no Espírito Santo**. Tradução de Paulo Sergio de Lima. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2016.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, Walter. **O lado mais escuro da modernidade ocidental: futuros globais, opções decoloniais**. Tradução de Marco Aurélio de Souza. Petrópolis: Vozes, 2019.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: O desafio de uma analítica da normalização**. Revista Sociologias, n. 21, 2009.

MITTMANN, Solange. **Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MOTT, Luiz. **Homofobia: A Violência Negada e Silenciada**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2002.

NUÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar**. 2023.

OLIVEIRA, Joanyr de. **As Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso e teoria da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: Formação e Circulação dos Sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Editora Hagnos, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Tradução de Bethânia Mariani et al. Campinas: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **L'inquiétude du discours**. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PEREIRA, Diógenes. **O direito da família e das sucessões**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

PLANT, Richard. **The Pink Triangle: The Nazi War Against Homosexuals**. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1986.

PODER360. **Assista o discurso crítico que a bispa de Washington fez a Trump** [vídeo online]. YouTube, 23 jan. 2025. 9 min 15 s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uMNxTYEuaKQ>. Acesso em: 3 mar. 2025.

POMMERENING, Claiton Ivan. **Pentecostalidade e Pentecostalismo: fatores de crescimento associados à oralidade**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

RASTIER, François. **Arts et sciences du texte**. Paris: PUF, 2001.

RICCI, Maurício. **Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo**. Cadernos de Campo, São Paulo, 2007.

SANDALOWSKI, Irineu. **A família tradicional e o impacto das novas configurações familiares no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2007.

SANTANA, Silvio Luiz de. **O conservadorismo no Brasil: da luta pela moral e pelos valores à crise da democracia**. 1. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2016.

SOUZA, João Francisco de. **A sexualidade e a teologia: a visão cristã sobre o corpo e a sexualidade**. [Cidade de publicação]: [Editora], 2015.

TAKATSU, Sumio. **Perguntas ao movimento carismático**. In: VV.AA. *Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

VALADÃO, André. **Deus odeia o orgulho**. , [2023]. 1 vídeo (12 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XAVIE\\_5QixQ&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=XAVIE_5QixQ&t=2s). Acesso em: 11 Jul. 2025.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj. **O Sublime Objeto da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1989.

## Apêndice A - Transcrição do vídeo “*Deus odeia o orgulho*”, do Pr. André Valadão

VALADÃO, André. **Deus odeia o orgulho.** , [2023]. 1 vídeo (12 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XAV1E\\_5QixQ&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=XAV1E_5QixQ&t=2s). Acesso em: 11 Jul. 2025.  
Transcrição feita pelo autor.

Eu falo com vocês, Deus odeia o orgulho, Deus não tolera uma das palavras mais difíceis para Deus é orgulho, Deus odeia, Ele repugna qualquer atitude de orgulho, só o uso da palavra orgulho, Deus a condena, qualquer movimento ou qualquer ação na nossa vida que carrega o termo orgulho, Deus abomina, porque Deus não está com quem se orgulha, Deus está com quem se humilha então o mês do orgulho, eu considero que hoje é o mês que Deus mais repugna na humanidade, porque só a expressão orgulho é a expressão que mais provoca Deus, irrita Deus e Deus condena, Deus não está com os orgulhosos, Deus está com os humildes, então o que Jesus nos ensina é lavar os pés, é humilhar, o que Jesus ensina, o que o reino de Deus ensina é submeter, é prostrar, quem está pegando isso aqui comigo? João Calvino escreveu algo?

É algo que me leva nesse mês inteiro, todos nós aqui como igreja, e entender e meditar nisso, e se necessário nós vamos fazer isso todo mês de junho até Jesus voltar. João Calvino disse, um cachorro late quando o seu dono é atacado, e eu seria um covarde se visse que a verdade de Deus é atacada e ainda assim permanecesse em silêncio. A figura do orgulho é Lúcifer. A figura do orgulho, da palavra orgulho, é o anjo caído, é alguém que debaixo dos seus atributos e dons e possibilidades, quis se igualar a Deus, se colocando numa posição dizendo, eu posso ser como ele é, eu posso fazer o que ele faz, eu posso determinar aquilo que é certo ou não, eu me coloco no lugar de autoridade. O orgulho é dizer, na minha vida, eu não preciso de Deus, orgulho é dizer, eu não preciso de Deus, ele está, ele existe, ele está sentado no trono, mas eu posso ter o meu próprio reino, eu posso fazer a minha própria vontade.

O símbolo do orgulho na Bíblia é Lúcifer, o anjo que quis se comparar. Deus se igualar a Deus, e a palavra mostra que Deus não tolerou Lúcifer, Deus não respeitou Lúcifer, Deus não amou Lúcifer, Deus expulsou Lúcifer do reino, Deus chutou Lúcifer dos céus, ele caiu como um relâmpago, ele foi colocado pra fora, porque Deus repugna o orgulho. Deus rejeita toda e qualquer forma de orgulho, e nesse mês onde se levanta a bandeira daquilo que Deus mais odeia, que é o orgulho, nós precisamos nos humilhar sobre a poderosa mão de Deus. O orgulho de Lúcifer é ao ponto de dizer como se Deus tivesse errado, Deus errou, Deus errou, ele não é único, podem existir outros como ele, o orgulho te leva pra um lugar ao ponto de confrontar Deus, quem é Deus? Deus errou, eu que sou certo, eu não preciso de Deus, por isso Deus, ele

repugna o orgulho, e hoje a gente vive uma agenda na mídia, uma agenda externa, onde marcas, bilionários, as redes sociais, elas levantam uma agenda muito forte, onde o não...

Não crente quer dizer pro crente como o crente tem que viver, vou repetir, a gente vive um tempo hoje, onde o não crente quer dizer pro crente como o crente tem que viver, mas o crente não ouve o não crente, o crente ouve a Bíblia, a palavra de Deus. Isso é muito forte, porque quem nós vamos ouvir? A quem nós daremos ouvidos nesses dias? Onde a política, presta atenção, onde a política se limita às suas leis, mas fora da política, as empresas são operacionadas, operacionalizadas para fechar o cerco.

Se você tem livre expressão pela lei, se você tem livre expressão e liberdade de culto pela lei, então quem rege a lei não pode te proibir. Mas... Agenda cultural te oprime. Se a lei te dá liberdade, estou aqui nos Estados Unidos, não estou no Brasil, estou nos Estados Unidos, Brasil hoje já... Então estou nos Estados Unidos, porque aqui ainda existe uma liberdade total de culto e de expressão. Eu estou falando aqui em Orlando, Flórida, onde eu sou residente, pago imposto aqui, sou aqui, moro aqui, ok? Então eu tenho total liberdade. Então a lei, ela te dá essa liberdade. Então como aqueles que regem a lei sabem que não pode te proibir e não podem te calar, eles usam os meios da secularidade.

Mas nós não vamos nos calar. Eu estou aqui para te dizer, você tem toda a liberdade de prestar seu culto ao Senhor. Você tem toda a liberdade de falar aquilo que você crê. Você tem toda a liberdade de dizer aquilo que está na palavra de Deus. Você tem toda a liberdade de dizer aquilo que está na palavra de Deus. Você tem toda a liberdade de adorar o Senhor, de vir domingo na igreja, de estabelecer uma família, amém, que está pegando isso aqui comigo, de estabelecer aquilo que é, pela Bíblia, aquilo que nós cremos.

Por isso Deus repugna o orgulho. Tiago capítulo 4, no versículo 6. A gente vai ler muita Bíblia aqui, amém, gente? Porque eu não estou aqui para dar minha opinião, eu estou aqui para ler a Bíblia para você. A posição de Deus em relação ao orgulho é clara. Vamos ler em voz alta? Concede graça maior. Por isso diz a Escritura, Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes. O orgulhoso, ele quer colocar a goela abaixo daquilo que ele acredita. O orgulhoso, ele fecha o coração para novas possibilidades. O orgulhoso, ele se coloca dentro de um movimento onde ele se vê superior. Onde ele se vê acima.

E o que Tiago está dizendo é que Deus, ele concede graça para aqueles que vão pelo caminho da humildade. O caminho da humildade, e nós temos que entender isso aqui de uma maneira muito forte, é um caminho onde nós não vivemos para nós mesmos, mas nós vivemos

para o nosso Senhor. Alguém tem um Senhor na sua vida? Alguém tem um Senhor na sua vida? O que significa o Senhor na sua vida? É alguém que manda em você. Ter um Senhor na nossa vida tem alguém que manda em mim. Ele é meu dono. Eu tenho a minha vontade. Eu tenho meus próprios pensamentos. Mas tem alguém que manda em mim e diz, você pode pensar assim, mas não é o que eu te mandei pensar. Não é o que eu te mandei fazer. Você não vai viver assim, porque eu estou mandando. Então, isso é se humilhar debaixo da poderosa mão.

Porque Deus odeia o orgulho. O coração da humanidade nunca vai se voltar para Deus. O homem, o ser humano por si só, não volta o seu coração para Deus. Marcos capítulo 7, versículos 21 ao 23. Palavras do nosso Senhor Jesus Cristo. Pois do interior do coração dos seres humanos, vem o quê? O que vem do coração do ser humano? Maus pensamentos. O que mais? Imoralidades sexuais. O que mais? Os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o ser humano impuro.

Hoje existe uma agenda dizendo. Olha, se você tem pensamentos maus, está tudo bem. Deus te ama. Se você vive uma imoralidade sexual, tem problema não. Deus ama você. Ah, você rouba? Ah, você é ladrão? Tem problema não. Deus te ama também. Está tudo certo. Homicídio? Ah, não. Tudo bem. Acontece. Deus te ama. Adultério? Não, está tudo bem. Isso mesmo. Você ama a sua amante? Isso, viva pelo seu coração. Deus ama você. O amor é puro, o amor é verdadeiro. As cobiças. Não, você tem que mesmo cobiçar o do outro ali, ó. Vai pra cima, pega o que é dele, rouba o que é dele. Vai pra cima, isso aí faz parte. Deus está vendo. As maldades, o engano, inveja, calúnia. Fala mesmo, inventa fofoca, cria fake news. Pode criar, não tem problema. Deus é amor. Pode inventar história, mentira sobre a vida dos outros. Arrogância, insensatez. Insensatez.

Jesus disse tudo isso vem do coração do ser humano. Ou seja, todo ser humano que não se rende à poderosa mão de Deus está sujeito a seguir o que está no seu coração. Aquele que sujeita a sua vida em Deus, ele reouve a voz. Ele tem um temor no coração. E por mais que o seu coração também...E bata por esses mesmos pecados, ele tem força pelo Espírito Santo pra dizer, eu não vou matar, eu não vou roubar, eu não vou ter maus pensamentos, eu não vou praticar imoralidade sexual. Minha vontade era de roubar, mas eu não vou roubar. Minha vontade era de adulterar, mas eu não vou adulterar. Fala um amém comigo quem está pegando essa palavra aqui. Minha vontade era de enganar, mas eu não vou enganar, porque você tem um Senhor. 1º Coríntios, capítulo 6, versículos 9, 11.

Vocês não sabem que os perversos não herdarão o reino de Deus? Eu amo essa frase, essa pequena frase. Não se deixem enganar. Se tem coragem, fala pra quem está do teu lado. Não se deixe enganar. Diga mais alto, não se deixe enganar. Bata no teu coração e diga, não se deixe enganar. Olha só, nem imorais, nem imorais, não se deixem enganar. Nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros, herdarão o reino de Deus. Assim foram alguns de vocês, e eu me incluo nisso, mas vocês foram lavados, foram lavados, foram santificados, foram justificados, no nome do Senhor Jesus e no Espírito do nosso Deus. Vamos dar uma glória a Deus se você faz parte desse povo lavado pelo sangue de Jesus. Ele chega a dizer, não se deixe enganar, por quê? Porque tem pessoas que têm dito isso hoje. Não, eu não posso definir quem vai pro céu ou não.

Tem um ensino hoje, eu falo de muitos homens chamados, homens de Deus e mulheres, chamadas mulheres de Deus, que tem a coragem de dizer, não, eu não posso, eu não posso falar quem vai ou não vai pro céu. Ok, mas e quando a Bíblia já diz? Então eu me tiro de dizer o que eu acho, e passo a ler o que a Bíblia diz. A Bíblia não está dizendo que uma pessoa que vive uma prática dessa maneira vai pro céu, a Bíblia está dizendo que ela não vai pro céu. Então, quem crê na Bíblia, se você não crê na Bíblia, essa palavra não é pra você, você já não crê, isso é pra quem crê.

A minha preocupação aqui é porque hoje 57% da família cristã aceita o mês do orgulho. Hoje 57% da família evangélica e que se diz cristã não se opõe ao arco-irizinho nas lojas. 57% da família evangélica hoje trata com normalidade a prática do pecado da homossexualidade. Nós estamos falando que mais da metade desse auditório aqui não tem um sentimento ou uma atitude que diz é pecado, está errado e não vai pro céu. Eu preciso falar, eu preciso falar, sabe por quê? Porque isso provoca Deus. Eu preciso falar porque esse mês todos nós vamos falar e vamos apontar o pecado, vamos apontar o caminho da santidade, vamos apontar o caminho, por quê? Porque está entrando, está sujando, está destruindo aquilo que, preste atenção, Deus não destruiu a humanidade por causa de roubo, Deus não destruiu a humanidade por causa de assassinatos, Deus não destruiu a humanidade, quem tá pegando aqui, por causa de idolatria, Deus destruiu a humanidade por causa de imoralidade sexual.

O nível daquilo que Deus repugna é imoralidade sexual como um pecado grave. Todo pecado é pecado, pecado grave. E aqui ele diz, claramente, não herdarão, não sou eu que estou dizendo, é a Bíblia, é a palavra de Deus. Se você é crente, se você crê na palavra de Deus, você

tem que crer nela toda, você vai crer nela inteira, completamente. E a Bíblia diz que homossexuais passivos ou ativos, não herdarão o reino de Deus. Eu preciso crer na Bíblia. E eu não sei você, eu não quero viver uma vida boa nessa terra, eu quero viver uma vida boa no céu, na eternidade.

Tem uma frase muito conhecida que diz isso, para o crente, o inferno que ele vai experimentar é a terra. Para o incrédulo, o céu que ele vai experimentar é a terra. Levítico, capítulo 18, versículo 22. A palavra de Deus fala tudo, gente. Eu posso ouvir um amém aqui? (ouve-se ao fundo as pessoas dizerem “amém”) Olha só o que ele diz. Não se deite com um homem como se deita com uma mulher. É o quê? Repugnante. Não se deita com um homem como se deita com uma mulher. É repugnante. A palavra de Deus considera isso repugnante. E aí existe um outro ensino hoje que está envenenando a igreja, que é o ensino da empatia. Empatia.

E você não tem ideia de como que dói meu coração pregar isso hoje. Mas não deveria doer. A igreja hoje, ela se constrange em falar de pecado. A igreja americana hoje vive uma decadência onde o jovem na igreja americana usa drogas, usa álcool, se prostitui, homossexuais, não tem direção nem na política. Os pastores pregam sobre unicórnio nas nuvens.

O jovem americano hoje não sabe o que é pecado. Isso não vai acontecer com a igreja brasileira. No que depender de mim não vai acontecer com a igreja brasileira. Não vai acontecer. A empatia enganosa é o seguinte. Eu sinto o que você sente. Eu te entendo. Eu te amo. Eu estou com você. E tem levado a empatia para um lugar que não é certo. Jesus teve empatia e compaixão por todos os pecadores. Mas ele denunciou o pecado. Jesus morreu por todas as pessoas. Mas ele denunciou. Ele foi contra o pecado. Quantas pessoas Jesus disse? Vai e não peques mais. Jesus não disse, eu te amo, eu te protejo e continue vivendo a vida que você quer. Ele disse: eu te amo, eu te protejo eu te perdoe, mas não peque para que não te aconteça coisa pior.

Para com essa vida. Muda de vida. Nós precisamos ter um limite naquilo que é empatia. O cristão, o homem é mulher de Deus. Ama, abraça, cuida até o último fôlego de vida. Mas nós não vamos aceitar vida de pecado. Não podemos aceitar. Eu não estou falando para perseguir. Eu não estou falando para bater, para não responder, para não estar junto, para não trabalhar junto. Não tem nada disso. Nós amamos. Temos que amar. Amar o drogado, amar o alcoólatra, amar o adúltero, do qual muitos de nós fomos um dia. Amar o homossexual.

Temos que amar. Temos que ter empatia. Mas não significa que porque a pessoa é alcoólatra eu vou beber com ela. Que a pessoa é adúltera, eu também vou sair adulterando porque eu amo. Então eu compartilho da promiscuidade que ela vive.

Não.

Eu preciso odiar o pecado. Eu preciso odiar a impureza sexual. Eu preciso ter ódio. Ódio daquilo que Deus não criou de forma natural. Eu preciso ter nojo. Eu preciso romper na minha vida. Não deixar que isso entra na minha casa, na mente dos meus filhos, das minhas crianças, no meu casamento. Eu não posso tratar com naturalidade aquilo que Deus repugna. Deus falou não vai entrar no meu reino quem faz essa prática. É interessante porque é uma defesa onde gera-se você não tem empatia, você não tem amor. Eu repito, nós amamos. Nós amamos. Nós amamos. Mas nós apontamos um caminho que é Jesus. Porque o nosso amor por maior que seja é nada diante do amor de Jesus.

Deus fez as coisas de forma natural. Vou dar um exemplo. Os pássaros, por exemplo, quando você vê os pássaros, começa o inverno no norte, o que os pássaros fazem? Voam pro sul. É natural. É natural. É natural. Quando começou a esfriar, os pássaros se reúnem, se reúnem e eles saem do norte pro sul. Imagina você romper com uma naturalidade óbvia. Tá frio. Então os pássaros vão subir mais pro frio. Eles vão contra aquilo que é natural.

Deus não criou Adão e outro Adão. Imagine Deus criar Adão e criou outro Adão e falar assim, multiplique-se. Agora multiplica. Não tem como. Deus não criou isso. Não faz parte do plano de Deus que é natural. É natural. Tudo que Deus faz é natural. Ele tem um ciclo. Ele tem uma forma. E o que se rompe nisso é promíscuo. É rebelião. É orgulho. Deus abomina. Quem tá pegando essa palavra comigo aqui? Deus criou. Tudo que Deus criou é claro. É óbvio. Você não precisa fazer força. O pé de laranja ele não faz força pra brotar laranja. Não faz força. É natural. Agora, imagine o pé de laranja. Eu quero brotar jabuticaba. Porque eu quero brotar jabuticaba. E eu vou fazer o que for pra eu ser jabuticaba. Eu serei uma jabuticaba. Não tem como. Deus não fez isso.

Nós precisamos anunciar. Denunciar. Nos levantar como bandeira onde Cristo é o Senhor da nossa vida. Onde a palavra de Deus é a base da nossa vida. Onde aquilo que Deus criou é a realidade natural na nossa vida. É tempo de nós nos levantarmos. Principalmente no mês como o mês de junho. Onde nós vamos dizer aquilo que Deus criou é óbvio. Quem ama a palavra de Deus? É claro. Precisa ser dito. Precisa ser dito nas redes sociais. Precisa ser dito na nossa vida.

Esse assunto que eu estou falando não tem que haver constrangimento com algum cristão falar disso. Grite que tem medo. Medo de falar. Medo de dizer. Medo de apontar. Fala para quem está do teu lado. Vai para cima meu filho. Romanos capítulo 1. Olha o que o apóstolo Paulo escreveu para a igreja. Quem está pegando essa palavra hoje em nome de Jesus? Romanos capítulo 1. Nós vamos ler muita palavra aqui de Deus. Repetindo. Está na Bíblia. Estou lendo a Bíblia.

Olha o que diz. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus e seu eterno poder. Olha só. De novo. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus seu eterno poder e sua natureza divina têm sido visto com muita dificuldade? Tem sido visto o que? Claramente. Vamos continuar. Sendo compreendidos por meio das coisas criadas. De forma que tais pessoas são indesculpáveis. Olha só o que Paulo acabou de escrever. É claro o que Deus criou. Você compreende a vontade de Deus até por aquilo que Ele cria e se você vê claramente o que Deus criou compreende aquilo que Deus criou e você não aceita você está indesculpável. Não precisa de Espírito Santo não. Não precisa de oração de ninguém. Olha o que Deus está falando. Ele criou. É óbvio. É claro. Você vê. Você não aceita. Você é indesculpável.

Por quê? Vamos continuar. Estou lendo a Bíblia. Tendo conhecido a Deus não o glorificaram como Deus. Ou seja, eu não quero Deus. Por que Deus odeia o orgulho? Não. Eu não quero Deus. Nem lhe renderam graças. Vamos ler comigo? Mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e seus corações insensatos e obscureceram. Negar a Deus a criação de Deus, a vontade de Deus a gente está lendo aqui te torna fútil. Vamos continuar? Dizem-se, eu estou lendo Apóstolo Paulo, São Paulo o que ele diz? Dizendo-se sábios tornaram-se loucos. Olha como o Espírito Santo trata a promiscuidade. Dizendo-se sábios tornaram-se loucos.

Você vê debate de um homem que se sente mulher competir em competições femininas. Eu vi esses dias um vídeo de uma manifestação na Europa de pessoas que se sentem cachorros, de quatro latindo na rua. Dizendo-se sábios, tornam-se loucos. Vamos continuar. E trocaram a glória de Deus, do Deus imortal, por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. Olha a consequência desse pensamento, do orgulho, desse movimento. Olha a consequência, olha o que Deus faz com esse tipo de pessoas que se posicionam dessa maneira.

É o que está na Bíblia. Por isso Deus os entregou à impureza sexual. Quem que entregou? Deus entregou. Olha como Deus odeia, odeia esse movimento. Por isso Deus

entregou, vamos ler juntos? A impureza sexual. Segundo os desejos pecaminosos, dos seus corações para a degradação dos seus corpos entre si. Trocaram a verdade de Deus, que é óbvia, a verdade de Deus é óbvia, pela mentira. E adoraram e serviram a coisas e seres criados em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém.

De novo, Paulo escreve dizendo, Por causa disso, Deus os entregou a paixões vergonhosas. Quais são elas? Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras contrárias à natureza. Quais são essas que Deus entregou, que Deus largou? Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão.

Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, Jesus entregou a uma disposição mental reprovável para praticarem o que não deviam. O que existe por trás é uma depravação tão grande, onde na borda é só um arco-íris.

Ame todo mundo, tenha empatia. Jesus amou a todos. Ele morreu por todos. É isso. Mas o que tem no fundo disso é Deus entrega uma disposição mental reprovável para praticarem o que não deviam. É um nível de uma mentalidade onde hoje uma criança está sendo levada a movimentar-se sobre a sua sexualidade. Não é possível que um cristão, eu estou falando para crente, para crente, não é possível um cristão respeitar um movimento desse.

Aceitar. Não é possível. Não tem como. Não tem como. Olha só. Tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância e depravação. Vem comigo. Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidade, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores, inimigos de Deus. Insolentes, arrogantes, presunçosos. Inventam maneiras, estou lendo a Bíblia, inventam maneiras de praticar o mal. Desobedecem a seus pais. São insensatos, desleais, sem amor pela família. Odeiam a família. Odeiam a família hétero. Homem, mulher, gerar filhos.

Implacáveis. Embora conheçam o justo decreto de Deus. De que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte. Não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que a praticam. Morte, aqui ele está falando de morte eterna. A morte espiritual. Ele está dizendo, quem pratica isso é inimigo de Deus. Odeia a família que Deus criou. A gente tem esse mês todo pela frente para meditar sobre essas coisas. Agora eu amo essa passagem. Romanos 2, 1 ao 4.

Portanto, você que julga, porque o cristão fala, mas eu não posso julgar. Como que eu faço? Como que eu trato isso? Como que eu posso lidar com isso? Eu tenho na minha casa, na

minha família. Estou vendo essa situação agora. Esse texto é para nós. Portanto, você que julga os outros é indesculpável. Nós não estamos julgando. Nós estamos buscando viver a palavra de Deus. Não é sobre julgar. É buscar viver a palavra de Deus. Quando você julga, se vê maior, está errado. Não é sobre isso. Todos nós temos pecados, estamos sendo tratados na nossa vida. Todos nós continuamente diante de Deus.

Olha o que ele diz. Pois está condenando a si mesmo naquilo em que julga. Visto que você que julga pratica as mesmas coisas. Ou seja, pecado. Sabemos que o juízo de Deus contra os que praticam tais coisas é conforme a verdade. Assim, quando você, uma simples pessoa, o julga, mas pratica as mesmas coisas, você pensa que escapará do juízo de Deus? Agora que eu amo essa passagem. Ou será que você despreza as riquezas da sua bondade? Qual que é a riqueza da bondade? Tolerância e paciência. Não reconhecendo que a bondade de Deus o leva ao arrependimento.

Quem pode aplaudir o Senhor por isso? Quem pode dar uma glória a Deus? Porque Deus tem sido tolerante com cada um de nós. Quem pode dar uma glória a Deus? Porque Ele tem sido bondoso com cada um de nós e misericordioso com cada um de nós. Vamos dar uma glória a Deus aqui comigo, se você está pegando isso. Ou será que você despreza a riqueza da bondade? Você despreza a riqueza da bondade de Deus? Qual é a bondade de Deus? A bondade de Deus não é para acabar, destruir, aniquilar. É tolerar. Ter paciência, porque no momento devido nós cremos no poder do arrependimento.

Na minha vida, na sua vida, na vida de todos. Ele está dizendo não vive para julgar. Não viva para julgar. Proteja sua casa, sua vida, você, sua família. Firme-se naquilo que a palavra de Deus diz. E aqueles a quem você ama e talvez vivem essa situação. Deus te dá graça a tolerar, a ter bondade. E a saber que assim como você, eles também viverão arrependimento. Fala amém comigo aqui, se você crer. Romanos 2.6, a palavra é clara. Deus retribuirá a cada um conforme o seu procedimento. Ou seja, ah não, eu estou salvo, agora estou salvo, amém, já aceitei Jesus.

Bora viver agora. Paulo fala isso claramente. Eu vou pecar mais para que a graça seja ainda maior. Eu não posso fazer isso. Porque Deus vai tratar da minha vida a partir daquilo que eu faço. E não tem desculpa para ninguém. Versículo 11 de Romanos 2. Quem está amando a palavra de Deus aqui hoje? Pois em Deus não há parcialidade. Nossa, é muito texto que eu tenho para ler. Vou ler só mais três. Gálatas 5, versículo 16 ao 26. Essa é a nossa luta. Viver pelo Espírito ou pela carne? Por isso digo, vamos ler juntos? Vivam pelo Espírito. E de modo

nenhum satisfarão os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito. E o Espírito o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro.

De modo que vocês não fazem o que desejam. Essa é a frase do movimento do orgulho. Faça o que você deseja. Seja quem você quer ser. Viva a vida que você quer viver. Mas o crente, o cristão, o que tem Jesus como dono da sua vida. De modo que vocês não fazem o que vocês desejam. Mas, se vocês são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da lei. Ora, as obras da carne são manifestas. Qual que é a primeira que está ali? Imoralidade sexual, Impureza e libertinagem. Idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções, inveja, embriaguez, orgias. E coisas semelhantes.

Eu os advirto como antes já tinha falado advertido vocês. O que, que ele diz? Que os que praticam essas coisas vão pro céu, porque Jesus é amor. Que os que vivem essa forma de vida vão viver com Jesus. Não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência. Amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e o quê? Fala pra quem está do teu lado. Domínio próprio. Domínio próprio, meu filho. Você vai fazer, mas não faz porque você tem domínio próprio. Você vai falar, mas não fala porque você tem domínio próprio. O fruto do Espírito é domínio próprio. Você não vai ser dominado por demônio. Nós não vamos ser dominados por uma agenda nesse mundo. Nós não vamos ser dominados pela nossa própria vontade. Domínio próprio é viver aquilo que é pelo Espírito Santo de Deus. E contra essas coisas não há lei.

Deus nos ajude. Os que pertencem a Cristo crucificaram a carne. Com o quê? Com as suas paixões e os seus desejos. Ele não está dizendo que nós não temos paixões na carne. Ele está dizendo, você tem, eu tenho, todos nós temos. O que ele está dizendo é, mata essa carne. Ah, então quer dizer que eu vou viver infeliz a vida inteira porque esse é o meu desejo? Você não vai viver infeliz. Só Jesus pode preencher o seu coração. Não é um casamento hétero que faz uma pessoa feliz. Quem colocou na sua vida achando que é só porque o sexo entre homem e mulher você vai ser pleno? Não vai ser pleno. Se fosse, não tinha tanto divórcio igual tem no mundo hoje.

A única realidade que faz uma pessoa plena é a presença do Espírito Santo. É Jesus na vida dele. Então toda paixão na minha vida tem que ser crucificada, tem que morrer. Tem que morrer. Se vivemos pelo Espírito, andemos pelo Espírito, não sejamos presunçosos provocando uns aos outros e tendo inveja uns dos outros.

Deus odeia o orgulho.

Deus odeia o orgulho.

Eu e você temos que abominar da nossa vida. Abominar. Não aceitar sermos contra na nossa vida a prática do pecado. Deus abomina aquele que se levanta. Lúcifer foi a prova de como Deus abomina o orgulho. Romanos capítulo 6. Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado.

Mas vivos.

Mas vivos para Deus em Cristo Jesus.

Quem está lendo a Bíblia hoje? Portanto, não permitam que o pecado continue dominando os seus corpos mortais. Como que eu sei que o pecado está dominando o meu corpo? Fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos. Ah, mas se eu posso ser hétero, por que eu não posso ser homossexual? Não, eu não sou hétero porque é um desejo.

É porque é natural.

Não é sobre desejo.

É natural.

Ah, mas eu não nasci assim. Existe uma maldição. Existe um peso que precisa ser quebrado só em Jesus. O mundo jaz do maligno. Quem está aqui comigo? Não significa que você é hétero ou você é santo.

Eu vou repetir.

Quantos héteros divorciados, separados, adultério, confusão, prostituição.

Ele fala orgias. Todo esse movimento de libertinagem sexual. Levou Deus lá em Gênesis. A levantar em Gênesis 9,16. O símbolo que é o arco-íris. Dizendo para o homem. Eu me comprometo. A não fazer o que eu fiz agora. Por causa da sua promiscuidade. Eu salvei uma família. Mas todas morreram. Satanás é tão astuto que ele pega o símbolo. Que mais feriu a Deus. Para colocar de volta. No mundo todo hoje. Dizendo. Está aqui. Vou fazer de novo.

Mas Deus levanta uma igreja hoje.

Eu oro para que Deus levante pastores que não tem medo de falar e ler a Bíblia. Pelo amor de Deus. Tem que ler a Bíblia. Tem que ler a Bíblia. Tem que ler a palavra. Tem que se colocar nessa posição. Não ofereçam os membros dos seus corpos ao pecado. Como instrumento de injustiça. Antes. Ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida. E ofereçam os membros dos seus corpos a Ele. Como instrumento de injustiça.

Pois o pecado não os dominará. Eu libero essa palavra na tua vida. O pecado não os dominará. Porque vocês não estão debaixo da lei. Mas debaixo da graça. Fique em pé no teu

lugar se você está debaixo dessa graça. Aplauda o Senhor. Dá um brado de louvor a Ele. Esse mês é o mês da humilhação. É o mês de levantar a bandeira que é Jesus. É o mês de levantar o Senhor e dizer. Eu e a minha casa serviremos ao Senhor. Eu e meus filhos veremos a bondade de Deus. 1 João 1.9 está escrito. Existe esperança para mim. Existe esperança para todos nós. Existe esperança de mudar o coração. De se arrepender. Existe esperança em Deus. Ele diz claramente em 1 João 1.9.

Vamos ler juntos.

Se confessarmos. Ele é fiel e justo. Para perdoar os nossos pecados. E nos purificar de toda injustiça. Vamos ler de novo. Se confessarmos os nossos pecados. Ele é fiel e justo. Para perdoar os nossos pecados. E nos purificar de toda injustiça. No mês do orgulho que o mundo diz. É o mês da nossa humilhação. E dizer. Senhor me perdoa do meu pecado. Me perdoa das minhas falhas. Lava o meu coração. Tem misericórdia da minha vida.

No mês do orgulho. Onde pessoas tentam colocar goela abaixo. Uma agenda do inferno. A igreja precisa levantar e dizer. Senhor eu não tenho injustiça própria. Eu não tenho como viver de mim mesmo. O próprio Senhor Jesus disse. Do coração do homem vem toda a imoralidade sexual. Então Deus tem misericórdia da minha vida. Da minha casa. Você pode erguer suas mãos e dizer. Senhor eu me humilho diante do Senhor. Eu peço nesse dia misericórdia.

Perdão.

Lava o meu coração. Oh igreja desperta. Nós não vamos dar lugar a uma agenda do inferno. Dentro da nossa casa. Nós não vamos dar lugar. Em nome de Jesus a uma agenda do mal. Dentro da nossa família. Começou a dizer. Eu abro o coração. Eu abro, eu abro, eu abro, eu abro.